



O PAPEL
DO SACERDOTE
NA AÇÃO CATÓLICA

PAPEL DO SACERDOTE

NA

AÇÃO CATÓLICA

BIBLIOTECA DO SEMINÁRIO DE SÃO PAULO



Liv. e Tip. Juventus — S. M. — 1034

— 1947 —

NIHIL OBSTAT

Santa Maria, 26-12-1946

P. Frederico Didonet
Censor

IMPRIMA-SE

Santa Maria, 26-12-1946.

† *Antônio, Bispo de S. Maria.*

PAPEL DO SACERDOTE NA AÇÃO CATÓLICA

A Ação Católica, segundo a definição clássica, é “a participação do laicato no apostolado hierárquico”. Significa isto que, na A. C., a hierarquia e o laicato devem trabalhar em íntima união. União que na pessoa do Sacerdote: o Assistente, deve consolidar-se dia a dia mais. O Assistente eclesiástico, como foi dito acertadamente, é o traço de união entre os dois, a hierarquia de um lado e o laicato do outro.

Pio XI, o grande Papa da A. C., numa “carta que tem o carater de testamento espiritual e que pode ser considerada como a carta da Ação Católica”, enviada aos bispos das Filipinas, a 18 de Janeiro de 1939, lembra “que, em todos os países a sorte da Ação Católica está nas mãos do clero”, e “que esta nova forma de apostolado faz parte do ministério sagrado.”

O mesmo Pontífice não receia afirmar ao Episcopado argentino, a 4 de Fevereiro de 1931, que “a participação do clero nesta obra tão santa, deduz-se da consideração de que a A. C., sendo por sua natureza obra dos leigos, não poderá sem a atividade assídua e diligente dos Sacerdotes, nem começar, nem prosperar, nem dar seus frutos próprios.”

Poder-se-á desejar dos lábios da autoridade suprema, palavras mais sugestivas, apontando com nitidez o lugar do Sacerdote na Ação Católica?

Foi ainda Pio XI que mandou imprimir, na primeira página de uma revista italiana, esta frase lapidar, inscrita igualmente na capa do boletim da JOC e da LOC canadenses, e que cada Sacerdote deveria ter gravado no coração e na memória como um programa de vida:

“A Ação Católica será o que a fizeram os Assistentes.”

Já que o lugar do Sacerdote é tão importante na A. C., de tal forma que, sem sua atividade assídua e diligente, ela não pode “nem começar, nem prosperar, nem dar seus frutos”, vale a pena considerar detalhadamente o papel do Sacerdote na A. C.

Consideraremos primeiro o papel do Sacerdote em geral, para depois considerarmos a tarefa dos Assistentes na Ação Católica.

I. — PAPEL DO SACERDOTE EM GERAL

I. — Organizar e *realizar o ministério sacerdotal* em função da Ação Católica. A Ação Católica já é uma realidade no Brasil. Embora ainda sem plena eficiência, temos certeza de que ela cumprirá sua tarefa com tanto que lhe compreendamos todo o sentido e o alcance e que lhe demos o lugar a que tem direito em nosso ministério sacerdotal.

Não temos nós ainda o costume de nivelar a A. C. ao comum de todas as “obras”, não a consideramos como mero apêndice de nosso ministério, um aperfeiçoamento qualquer, belo sem dúvida, mas nada mais? Nós organizamos em primeiro lugar o ministério, a administração dos sacramentos, as missas, as visitas aos doentes, a prêgação, e somente depois consagramos o resto do tempo às obras associativas, entre as quais a A. C.

Ora, sem hesitar, afirmamos que é uma concepção assaz incompleta do papel da A. C. e que, em quanto a considerarmos por esse prisma, impediremos que ela abra bem grandes suas asas e tome o vôo para a conquista da massa.

Compreender a A. C. é organizar e realizar o ministério sacerdotal em função da A. C. E', em outros termos, colocar a A. C. na base de tôda a atividade sacerdotal; é fazer passar tôda a nossa ação sacerdotal junto dos fieis por esse multiplicador poderoso e único realmente eficaz que é a Ação Católica.

O pensamento de Pio XI

Essa afirmação talvez surpreenda, mas não ultrapassa o pensamento do imortal Pio XI, o Papa da Ação Católica.

Ouçamos o que ele nos ensina. Ao Episcopado mexicano, a 29 de setembro de 1932, êle diz: “A Ação Católica aparece como necessária e mais eficaz do que qualquer outra modalidade de ação.” Ao Patriarca de Lisboa, a 10 de novembro de 1933, êle acrescenta: “De tôdas as formas de apostolado, (tôdas merecedoras-, da Igreja, ela é a mais conforme às necessidades da época.” Ao Episcopado argentino, a 4 de fevereiro de 1931, êle se expressa mais ou menos nos mesmos termos: “A Ação Católica é a forma de apostolado que corresponde melhor às necessidades de nossa época.” Sua Santidade Pio XII acrescenta, num discurso à A.C. italiana, a 4 de setembro de 1940: “A Ação Católica é a mais capaz de levar a bom fim a grande empreza que mais do que qualquer outra temos a peito pelo supremo interesse das almas e das nações, a saber: o retôrno de Cristo às consciências, aos lares, à vida pública, às relações entre as classes sociais, à ordem civil, às relações internacionais.”

Já notamos a fôrça dessas palavras: “De tôdas as formas de apostolado, a A. C. é a mais conforme às necessidades de nossa época”, “a mais capaz de levar a bom termo a obra de recritianisação dos indivíduos e dos povos.”

Para Pio XI, a A. C. “está ligada indissoluvelmente à restauração do reinado de Cristo” (Ubi Arcano Dei, 23 de dezembro de 1922). Ao Cardial Secretário de Estado, êle escreve a 24 de janeiro de 1927: “A A. C. deve ser considerada pelos Pastores como pertencendo necessariamente ao seu ministério, e pelos fieis, como um dever da vida cristã.”

De Pio XI ainda (discurso de 19 de março de 1931): “A Ação Católica é não sômente legítima e necessária, mas é insubstituível.”

Ao Cardial Primaz da Espanha, em novembro de 1929, Pio XI, depois de ter exposto as razões que provam a necessidade da A. C. (paganização cada vez maior da sociedade e insuficiência do clero), prossegue nesses termos: “Por isso, é absolutamente necessário que os leigos católicos não levem vida ociosa, mas que pelo contrário, unidos à hierarquia e atentos às suas ordens, êles tomem parte no combate sagrado e lhe ofereçam seus serviços de maneira que, pelas suas orações, pelos seus sacrifícios e sua ativa colaboração, êles constribuam para o aumento da fé e a emenda cristã dos costumes.”

Inútil seria demorar mais em comentar essas palavras pontifícias. Para Pio XI e para Pio XII, igualmente, afigura-se absolutamente impossível conservar para Cristo as massas cristãs, e trazer eficazmente aquelas que dele se afastaram, sem a A. C.

Nós pregamos insistentemente aos nossos militantes que a A. C. não é um acréscimo à vida cristã, mas a própria essência dessa mesma vida, a vida cristã como deve ser integralmente vivida. Não é no grande mandamento da caridade, na sua dúplice forma do amor de Deus e do amor do próximo que está a essência da vida cristã? Ora, o que é a A. C. sinão a obra dos leigos, respondendo ao apêlo da Igreja, e dirigidos por ela, tornando-se os apóstolos do seu meio, de seus semelhantes? Não é a A. C. a obra dos leigos, exercendo eficazmente o grande dever, antigo como o Cristianismo, da caridade para com o próximo?

Sendo assim, é de todo natural, é mesmo de toda necessidade que nós, Sacerdotes, no exercício de nosso ministério, não encaremos a A. C. como um acréscimo do nosso trabalho apostólico, mas antes como fa-

zendo parte dele, como finalidade desse mesmo ministério tal qual deve ser hoje eficazmente realizado.

Ação Católica: meio seguro, meio insubstituível, meio absolutamente necessário para tornar a dar, alimentar e desenvolver a Cristo nas almas, em nossos dias.

Refutação de algumas objeções

Não raras vezes ouvimos dizer: “Não existia a A. C. outrora e a vida cristã era possível sem ela.” Ou ainda: “A A. C. em dez anos de existência modificou aqui alguma cousa? Si tivéssemos tido só ela para nos ajudar, onde estaríamos?”

Estas objeções que ouvimos têm aparência de verdade, mas esvaem-se, quando analisadas com seriedade. A Ação Católica, é verdade, nem sempre existiu na forma organizada e nova que hoje lhe conhecemos. Na sua essência, porém, i. é, como dever dos leigos de dedicar-se à salvação do próximo, ela é antiga como o Cristianismo. São Paulo mesmo a pregava e tinha como auxiliares apóstolos leigos. Êle sauda afetosamente em suas cartas aquêles que tinham trabalhado com êle na pregação do Evangelho. Assim foi também com os outros Apóstolos.

A novidade da A. C. está na sua forma atual, na maneira e nos meios que ela emprega para desenvolver seu apostolado: “Esta novidade (escreve o Papa ao Cardial Segura), nós bem sabemos, é a consequência das exigências da vida moderna.”

“Quando tudo é esplendor de luz elétrica, dizia com espírito o Cardial Maffi, mal avisado seria aquêlê que se obstinasse em empregar a vela de sebo fumegante.” “Queria alguém empregar os antiqua-

dos e lentos processos de Gutenberg para lutar com esperança de sucesso contra os jornais ímpios que saem em torrentes das rotativas modernas? Olhe-mos, pois, de frente as novas necessidades criadas pelas novas formas de vida, e veremos que é tempo de mudar de opinião e de proclamar que a nova forma organizada e disciplinada, em vez de ser uma mera novidade, é uma necessidade grave e urgente.” (Pastoral sobre a A. C., Pisa).

Depois de dez anos de existência em nosso país, a A. C. já alcançou resultados consoladores e cheios de esperança para o futuro. Resta muitíssimo por fazer, é certo. Em vez de proclamar sua ineficácia, perguntêmo-nos si não cabe a nós a responsabilidade de tão minguada realização. Fizemos tudo o que podíamos para compreender e realizar a A. C., segundo a vontade do Papa? E, quando lhe temos aberto as portas de nossa Paróquia e trabalhado por ela, não foi sem empenho e sem lhe dar o devido valor?... Tivemos fé sincera na restauração do mundo pela Ação Católica? E, dando a tudo o tempo necessário, não dávamos à A. C. só as migalhas que sobravam?

Como, de modo concreto, organizar assim o ministério sacerdotal?

Perguntais como organizar e realizar a A. C. no vosso ministério sacerdotal, no vosso meio paroquial?

Nesse pequeno trabalho apenas podem ser esboçadas as grandes linhas.

Consideremos o mais importante, colocando-nos no ponto de vista da massa a ser atingida. Organizar o ministério em função da A. C., será, em primeiro lugar, apressar na paróquia a organização e o bom

funcionamento dos movimentos especializados indispensáveis. Depois criar um organismo de coordenação e de unidade de ação que outra cousa não é sinão o conselho paroquial de Ação Católica.

Para tal conseguir, não se deixe, sob qualquer pretexto que seja, de dar a essa obra todo o tempo e a dedicação necessários. Procure-se desenvolver o espírito apostólico. Não se receie consagrar a êsse trabalho o tempo e a capacidade dos Sacerdotes mais preparados, mais aptos para essa tarefa, os mais piedosos e os mais zelosos, dispostos a aceitar todos os sacrifícios dessa missão. Não nos podemos contentar que um católico sòmente evite as faltas graves, mas é mister levá-lo a que dia por dia faça alguma cousa por amor de Deus, para levar o próximo a Cristo. Nosso ministério sacerdotal não deve jamais perder de vista este objetivo.

A êsse trabalho de organização devemos dar, em primeiro lugar, a nossa atenção e o melhor de nosso tempo. Uma paróquia que se orientasse nesse sentido, não tardaria em ser a prva que o ministério, longe de sofrer, começaria então a ganhar em eficácia. Será então que as absolvições, as comunhões mais numerosas e mais compreendidas darão frutos sensíveis de vida cristã. Será então que a assistência à missa não será mais uma formalidade abstrata e fria, mas uma participação real e vivida do grande ato de valor infinito de santificação e redenção. Será então que nossa pregação adquirirá maior adaptação à vida e às necessidades dos fieis, porque conheceremos melhor sua maneira de encarar as cousas, as suas condições de vida e de meio, os falsos princípios que nele imperam. Será então uma doutrina de vida, assimilada pela massa e seguida com ardor.

Dar-se-á o mesmo com tôdas as outras tarefas de nosso ministério.

Importa adaptar a nossa doutrina: visar não sómente conseguir cristãos que evitem o pecado mortal, mas também cristãos que por amor de Deus e do próximo se entreguem à conquista das almas.

2. — Auxiliar os Assistentes da Ação Católica.

Por mais desvelos que se tenha tido na organização da A. C. dando-lhe Assistentes de grande valor e em número suficiente, fica fora de dúvida que sosinhos não poderão com a tarefa e que eles precisam da ajuda e do apoio moral de todos os seus colegas da Paróquia.

Os dirigentes e militantes da A. C. devem enfrentar mil dificuldades e vencer obstáculos que a A. C. traz à sua consciência de leigos. Por isso torna-se tão necessário o auxílio do Sacerdote para “guiar seu espírito, aquecer seu coração, fortificar sua boa vontade, trabalhar na sua formação espiritual”, para torná-los verdadeiros apóstolos pela santidade de sua vida” (Carta pastoral de Mgr. Charbonneau, pág. 116).

A responsabilidade dessa formação, notemos bem, é de cada Sacerdote dedicado à santificação das almas e não somente dos Assistentes propriamente ditos. Pio XI escrevia explicitamente ao Episcopado argentino, a 4 de Fevereiro de 1933: “E’ com efeito o ministério próprio dos Sacerdotes formar as almas dos membros da A. C. como cristãos modelares, especialmente as almas daqueles que devem ser dirigentes, porque sómente aquêles que receberam as ordens sagradas pelas quais se tornaram ministros de Cris-

to e dispensadores dos mistérios de Deus, possuem em virtude do mandato divino que receberam, os meios necessários destinados aos outros.”

Os pastores, pois, e os Sacerdotes dedicados ao ministério paroquial ou outro qualquer que tenham a peito organizar e realizar seu ministério em função da A. C., terão como dever auxiliar seus colegas os Assistentes. Ajudá-los-ão no trabalho absolutamente indispensável da direção espiritual; na missão dos retiros e recolhimentos “que são meios insubstituíveis de formação cristã e apostólica.”

Essa mão forte que devem dar generosamente a seus confrades, os Assistentes, impõe-lhes a obrigação de familiarizar-se, pelo menos com o espírito, a mística, e o método geral da A. C., afim de poder dar o alimento apostólico e espiritual do qual os militantes da A. C. têm verdadeira fome. Para êsse fim êles desenvolverão em si, pelo estudo e pela oração uma fé profunda no apostolado confiado à A. C., não deixarão passar nenhuma ocasião de estar em contato com os militantes de A. C., para conhecê-los, compreendê-los, e haurir em sua própria fonte o espírito que anima a A. C.

Conclusão

E' aos pastores das almas, os reverendos superiores e curas, capelães de comunidades, que incumbe a primeira responsabilidade de organizar assim o ministério confiado a seus cuidados, em função da A. C. E' sobre eles que recai a responsabilidade de designar assistentes zelosos e competentes; de apoiá-los com sua autoridade e simpatia, de não sobrecarregá-los, para que possam cumprir seu trabalho e reservar-se os momentos preciosos para a oração e o estudo; de

providenciar a que os demais Sacerdotes possam também familiarizar-se com o espírito e os métodos da A. C., como de suas exigências, de sua organização e de suas relações com as obras auxiliares.

Não esqueçamos que a falta de conhecimento, como a falta de zelo para promover por todos os meios a A. C., além de onerar nossa consciência de uma grave responsabilidade diante de Deus, não raro escandaliza os leigos, que não compreendem em nós tal atitude, convencidos como estão da grandeza da vocação sacerdotal, e do dever do Sacerdote de ser perfeito em tudo que se refere à religião ou à vida cristã.

Tal deve ser, parece-nos, o papel de todo o Sacerdote, no seu ministério, em relação à Ação Católica.

II. — PAPEL DOS ASSISTENTES EM PARTICULAR

Seja permitido dizer desde o início desta segunda parte, que os limites deste trabalho não permitem exgotar um assunto tão vasto, como é o papel dos Assistentes e de especificar ponto por ponto suas obrigações.

E' um simples esboço dos traços essenciais da tarefa extremamente importante e delicada do Assistente de Ação Católica. Traços essenciais que resumem e contém os outros.

1. — Escolher os Chefes

A A. C., como é notório, é um movimento de massa. Um de seus objetivos principais é a conquista da massa num determinado meio. Mas, “um verdadeiro movimento de massa, escreveu Cardijn, necessita muito mais de uma elite bem formada do que qualquer outra obra, chamada de elite, por mais apostólica ou sobrenatural que a queiram supôr” (Citado por Lelotte, pág. 187).

A Ação Católica, movimento de massa, de massa dirigida por uma elite de chefes, os verdadeiros chefes do meio, eis a sua essência, eis a forma específica de sua conquista. Assim sendo, quem não vê que o problema dos chefes, o problema da escolha de chefes é um problema de capital importância, um fator vital na Ação Católica? Quando um setor, uma federação enfraquece sua ação, vegeta, marca passo, em lugar de ir adiante e de se atirar à conquista do seu meio, quasi, infalivelmente, é porque aí há uma crise de chefes. Ao Assistente incumbe a tarefa de escolher chefes, esta é uma de suas principais e pri-

meiras preocupações.

Emquanto êle não tiver achado os verdadeiros chefes do meio, inútil pretender chegar a uma ação de eficaz conquista da massa.

Nós devemos, além disso, admitir que a divina Providência, que quer salvar os homens pelos seus semelhantes, “preparou em toda a parte almas de chefes e de militantes para esse fim”; o importante é encontrá-los. E’ o trabalho do Assistente de nada negligenciar para discernir com segurança, pelo estudo, pela observação, pela consulta e pela oração, os chefes dos quais precisa. Embora difficil, esse trabalho, não é impossivel, e com perseverança e boa vontade, conseguir-se-á. Creio antes que a penúria de chefes, da qual nos ressentimos, é muitas vezes devida a outros fatores.

Não acontece às vezes, que são conhecidos os verdadeiros influentes de um certo meio, os que saberiam levar os outros, sobretudo no meio dos rapazes, e finje-se ignorá-los, quase com medo deles? Sim: medo que êles sejam muito dificeis de conduzir, medo de sua personalidade, receio de suas iniciativas... Exageram-se as difficuldades reais ou supostas que darão para pô-los na linha, e isso, muitas vezes, escondendo uma tendência de querer fazer e mandar, ultrapassando o verdadeiro papel de guia e animador, e, então, prefere-se rodear-se de bons rapazes, sinceramente bons, porém mais aptos para estar em segundo plano do que para conduzir; jovens sem personalidade muitas vezes, sem elan, sem dinamismo, sem influencia junto aos seus companheiros. Então, fica-se marcando passo ou pouco mais; fica-se admirado de que a A. C. não realize mais nada; chega-se quase a dizer que a A. C. ainda não encontrou sua verda-

deira fórmula; e quebra-se a cabeça para achar a solução de tal estado de cousas. A solução, a única verdadeira está diante de nós, antiga como a A. C. especializada; lançar-mão de chefes do meio ambiente, daqueles que já influem, que se impõem no seu meio por um conjunto de qualidades que fazem deles animadores e chefes.

Para isso, não se receie buscar os chefes onde êles se encontram. Muitas vezes os encontraremos no seio de obras já existentes, onde terão adquirido sólida formação cristã. Tanto melhor, sirvamo-nos deles, pois tal é o desejo do Papa.

Não raras vezes, porém, os verdadeiros chefes não serão encontrados sinão na massa já descristianizada. Renunciaremos então a nossa obra de conquista? De forma alguma. Devemos ir procurar os nossos chefes onde eles estão; aceitá-los no começo tais quais são e pelos nossos métodos de formação à ação pela ação, procuremos transformá-los a pouco e pouco. Como diz tão acertadamente o Padre Berne S. J.: “Cristo sobrevive mais do que se pensa nessas almas ardentes. O importante é saber pegá-las pelo lado bom que ainda neles sobrevive” (Pour la conquête, pg. 96).

Para aqueles que se revoltam contra tal método (e sempre os haverá), exclamando: “Qual! esse indivíduo para dirigente na A. C.?... Esse tal para trazer almas a Cristo?” A esses que se mostram escandalizados de vêr pecadores empregados na obra de Deus, a esses respondemos corajosamente, sem hesitação, com o exemplo do Mestre: Lê-se no seu Evangelho, a história de um certo Zacheu... de uma Samaritana... que ambos, convertidos pelo bom Mestre, tornaram-se excelentes militantes. (Pour la con-

quête, pg. 98).

Saibamos nisso tudo enfrentar o problema dos chefes na A. C. especializada. Não tenhamos receio, passemos por cima das repugnâncias pessoais, erguemo-nos com suavidade e firmeza diante das objeções, das contradições, venham donde vierem, e digamos com decisão: “E’ assim e não é de outra forma; o método da A. C. é seguro, aprovado que é pelo Papa, e já deu suas provas.”

2. — Guiar os Chefes na Ação.

Feita a escolha dos chefes com cuidado, resta a tarefa não menos importante de todos os dias e de todas as horas: guiá-los na ação.

Os Assistentes, disse Pio XI (Carta a Mgr. Perdomo, 14 Fevereiro 1934), são “os representantes da autoridade dos Bispos, e, embora deixem aos leigos sua direção e responsabilidade das organizações em si, êles devem garantir a fiel e constante aplicação dos princípios e diretivas estabelecidas pela hierarquia da Igreja.”

Os Assistentes devem ser os guias, os animadores, os inspiradores... tudo isso, e nada mais. Evitarão de tudo absorver. A causa eficiente da A. C., é o laicato; o Assistente não é nem o presidente que dirige as reuniões do movimento, nem o secretário que redige a correspondência, as convocações, as atas, os programas, nem o tesoureiro que recebe as mensalidades, nem o organizador dos serviços. “Tôdas essas funções são dos leigos; não lhas tiremos.” (Gerry, pg. 289).

Evitarão ainda de monopolisar as tarefas apostólicas: visitas, contatos, serviços a prestar, procura

de almas a conquistar, e mil tarefas que traz consigo o serviço apostólico de cada dia. Que não se diga dos Assistentes: “Eles nada deixam fazer aos leigos que assim se tornam inativos e perdem o interesse na Ação Católica.”

No lado oposto desta tendência de tudo absorver e tudo monopolisar, evitarão de deixar fazer tudo; o Assistente não é somente um guia, um condutor moral, consultado nos casos melindrosos, contentando-se de dar sua opinião em certas circunstâncias raras”, sem ter sobre a A. C. uma influência contínua nem possuir uma autoridade efetiva. Não! Ele deve ter verdadeira autoridade, mas a autoridade tôda espiritual de uma guia.”

Mgr. Guerry, escreveu, no seu belo livro: “A Ação Católica”: “Quando uma caravana sobe os cumes agrestes de uma montanha, ela tem seus chefes, seus intendentess, seus comissários. Mas há um homem que marcha na frente, mostrando-lhe o caminho, evitando que ela se extravie e arrastando-a pelo seu exemplo e sua palavra às alturas: é o guia” (pg. 288-89). Na A. C. êsse guia é o Assistente. Êle não faz, ensina a fazer. Êle faz parte integrante da Diretoria, êle trabalha com os dirigentes leigos. Êle dirige com êles e não sem êles. Êle, como animador, inspirador; êles como organizadores e realizadores responsáveis (Carta Past. pg. 122).

O Assistente, já dissemos, possui uma verdadeira autoridade; não é simples conselheiro de fóra. Aí, apresenta-se o delicado problema da autoridade sacerdotal. A Ação Católica é a participação no apostolado hierárquico. Quanto mais o papel do leigo se aproximar ao do Sacerdote, quanto mais o leigo estiver em estreita colaboração com o Sacerdote, tanto

mais deverá subordinar-se à hierarquia. E' nisso que o papel do Assistente torna-se delicado. E' nisso que é preciso aliar, unir harmoniosamente num mesmo princípio de ação, de um lado a iniciativa, as responsabilidades reais confiadas aos leigos e, de outra parte, a missão de guia, de regulador, da qual o Sacerdote não pode abrir mão, segundo a vontade da própria Igreja.

Si nos lembrarmos que, desde o pecado original, "é no ponto da autoridade que aparece a fraqueza humana"... pois tão grande é em nós o espírito de independência, si nos lembrarmos de que, em nossos dias mais do que nunca, os leigos, os das classes pobres sobretudo, vivem numa ordem social perturbada e são vítimas dessa mesma desordem e ruína, que sua alma está num estado de tensão e de revolta; si nos lembrarmos disso tudo, então nós, Sacerdotes, compreenderemos, nós, Assistentes sobretudo, qual o sacrifício que pedimos, qual o esforço, quando lhes falamos, mesmo em matéria de religião, mesmo em matéria das cousas da alma, de submissão, de dependência, ou quando moderamos seu ardor na luta para a recristianisação do meio. "Ah! exclama o Padre Berne, como é preciso que nossa caridade aja, para suavisar o esforço!... Como seria preciso que irradiássemos a Cristo, para que eles, através de nós, se submetessem a Ele, sem sacrifício" (Loc. P. 121).

Repitamos: somente a caridade, uma imensa caridade, pode tornar a dar à autoridade um pouco dessa doçura perdida no Paraiso e torná-la, sinão sempre amável, pelo menos aceitavel pelos leigos militantes.

3. — Formá-los para o apostolado.

Guia para a ação, o Assistente tem ainda o impe-

rioso e essencial dever de trabalhar sem tréguas na formação de seus dirigentes, de seus militantes. O Assistente é, antes de tudo, um educador. "E' sua tarefa principal nas associações dos jovens sobretudo; é também seu mais belo título de glória" (Civardi, p. 241).

Esta formação êle deve dá-la de um modo integral: é do homem todo que a A. C. deve apoderar-se; é o homem todo que ela quer formar. "Formação espiritual pela meditação do Evangelho, a santificação no trabalho e pelo trabalho, dos deveres de estado, pelos retiros, recolhimentos e pela vida eucarística; formação intelectual pelo estudo da doutrina, estudo vivo, claro, adaptado às necessidades e às capacidades de cada um; formação moral pela educação da vontade para prepará-los a assumir suas responsabilidades e a submeter-se a uma disciplina"... (Guerry).

Mas a tarefa essencial do Sacerdote educador, na A. C., é de formar apóstolos, é "ensinar aos leigos militantes da A. C. a fazer de tôda sua vida uma vida apostólica" (Guerry, p. 292). Pio XI o recordava, a 19 de setembro de 1930: "Os Assistentes devem visar a formação de apóstolos leigos. A grande missão de Cristo não foi essa de formar apóstolos? Levou três anos para realizá-la e sua vida anterior, oculta, foi, por assim dizer, uma preparação à formação dos apóstolos."

E' nesta tarefa essencial que devemos insistir.

Conhecê-los

Para conseguir essa formação deve começar em conhecer seus dirigentes e militantes, conhecer igualmente o meio no qual vivem, suas necessidades, suas

dificuldades e seus obstáculos, suas possibilidades e seus recursos. Trabalho esse de perseverança, difícil para nós, Sacerdotes, e que exige um incessante recommear.

Não nos iludamos, nós não conhecemos sempre os diversos meios do laicato aonde nosso ministério nos chama. E' que não pertencemos a esse meio, sendo por nossa vocação "separados"; eis a razão.

Importa pois, conhecer esse meio, conhecer os militantes, para deles fazer apóstolos, conquistadores de seu meio. Será por eles, nossos dirigentes e militantes que penetraremos o meio. Devemos, em primeiro lugar, ouvi-los, fazê-los falar e, sobretudo, deixá-los falar. São êles que nos devem fazer conhecer a matéria, a natureza, o conteúdo de sua vida leiga, operária ou outra, tal qual ela se desenrola para cada um, no seu meio, em tais circunstâncias. Não somos nós que a devemos imaginar conforme dados vagos, ou recordações de 15 ou 20 anos atrás, mais vagas ainda. Sem este conhecimento exato e concreto, como dar solução aos problemas íntimos que lhe paralisam a ação, aos problemas que essa ação mesma traz à sua consciência. Para esse fim, nunca perder uma ocasião de contato pessoal, tão precioso para as confidências, onde se abrem as almas, onde uma palavra, às vezes, nos descobrirá toda uma série de cousas novas e escondidas até então, tanto sobre o indivíduo, como sobre seu meio. E não acreditamos que para assim agir nos falte tempo. E' nossa tarefa essencial de Assistentes. Tomemos o tempo que fôr preciso, pois cousa melhor, não poderíamos fazer.

E' sobretudo nesse contato e nos círculos de estudo que poderemos adquirir esse conhecimento do meio e das almas. Quantas cousas que não vêm ao

espírito numa conversa particular e surgem numa reunião ou numa discussão! Quantos retalhos de vida, contados em colóquio privado, se tornariam insípidos e faltos de interesse e, em grupo se tornam animados e adquirem seu aspeto real.

Não subestimamos nós, em geral, sob o ponto de vista do conhecimento dos nossos dirigentes e militantes e de seu meio de vida, a importância dos comitês e círculos de estudo?

Não os deixamos muitas vezes sós sob o pretexto de ocupações, ou na convicção de que nossa presença será sem utilidade para nossa orientação?.. Sem falar da necessidade que eles têm de nós para auxiliá-los a vêr perfeitamente, a julgar cristãmente seu meio, afim de decidir um plano certo e eficaz de conquista.

Compreendê-los.

Devemos conhecê-los para chegar a algo de mais íntimo e mais profundo, i. é, compreendê-los, ter a compreensão de sua vida real. Como seria preciso meditar e pesar essas palavras de Mgr. Guerry: “ter a compreensão de sua vida real.” (pg. 293).

Como nós, Sacerdotes, devemos fazer um esforço constante de caridade para nos esquecermos de nós-mesmos, para melhor entrarmos nos seus pensamentos, seus cuidados, suas dificuldades, suas aspirações! Devemos chegar a vêr nas suas almas e no seu meio como eles mesmos vêem, e do mesmo modo eles devem chegar a vêr e julgar tudo como julga o Sacerdote. Chegar por essa compreensão de sua vida, a êsse resultado: Assistentes, dirigentes e militantes não juxtapostos, mas unidos, não formando sinão uma só al-

ma sacerdotal orientada para a conquista. Sacerdotes e militantes sempre presentes uns aos outros no trabalho da conquista da massa, compreendendo-se perfeitamente uns aos outros.

Adaptar sua vida às verdades cristãs.

O Assistente que tiver compreendido plenamente, como acabamos de sugerí-lo rapidamente, seus inilitantes e dirigentes, quererá a todo custo, no mesmo elan de caridade sacerdotal “adaptar às necessidades particulares de cada uma de suas almas, nas condições pessoais em que se encontram, as verdades eternas e imutáveis do Evangelho” (L’Action Catholique, Guerry, p. 294).

Lembre-se constantemente que deve formar apóstolos leigos católicos. Os leigos de nossos movimentos especializados que sentirem vibrar em si a chama do apostolado, compreendem a necessidade para eles de reproduzir na sua vida um Cristo vivo. Mas eles querem reproduzi-Lo, a maneira de um leigo, no estado de vida no qual Deus os colocou. Para essa obra de sólida formação apostólica, eles precisam do Sacerdote, de seus Assistentes, mas de Assistentes que os tenham compreendido, com seu coração sobretudo e que se apliquem a adaptar a sua vida leiga às verdades eternas do Evangelho.

E isso, não o negamos, é uma tarefa extremamente delicada e difícil na prática. Tarefa que, na Ação Católica, esconde dois escolhos quasi igualmente perigosos: de um lado o perigo de escorregar para o laicismo, e do outro, mais temível porque menos lembrado, de forçar o leigo ao clericalismo.

Entendamos esses termos. O Laicismo, do qual

falamos aqui, “seria o leigo católico, conduzindo sua vida e sua ação longe do Sacerdote e sem êle.” (Pour la conquête, Berne). Quem não vê esse perigo tiraria todo o seu sentido ao apostolado leigo da A. C., que é participação? Iria afrouxar o laço que o deve unir tão estreitamente à hierarquia, desvirtuando e anulando a ação do Sacerdote.

Do lado oposto, e com as consequências tão, ou mais nefastas, está o perigo do clericalismo, o perigo desse assistente que fosse um fardo sobre a vida dos leigos, que desconhecesse as exigências do apóstolo leigo, que, em vez de limitar-se a formá-los cristãmente segundo as exigências de seu estado de vida secular, o formasse, concientemente ou não, sobre o modelo eclesiástico. Na verdade o perigo é maior do que se possa pensar. Nós fomos formados como o exigia a nossa vocação pelo método eclesiástico, e conservamos a tendência muito acentuada e bem natural de impôr o mesmo método de formação a quem nos pede normas de vida cristã.

Mesmo no plano da oração, da união com Deus, existe uma maneira própria do leigo, e muito bela de ir a Deus.

E tratando-se de vida de trabalho e mais ainda de vida conjugal, arrisca-se o Sacerdote a mutilar as tonalidades que a própria graça costuma respeitar.

Terminem essas reflexões com esta passagem luminosa do Padre Berne (p. 129-130): “E’ mistér que os problemas a considerar sejam problemas leigos, e que sejam eles que os exponham, agora mais ainda do que antes. . . que os apresentem a seu modo, sob seu ponto de vista, e para si mesmos. . . E’ preciso que o Sacerdote que deverá estar presente, hoje

mais do que nunca, ouça e aprenda com êles. Então, sim, êle poderá guiar.

“Si êle seguir outro método, si êle não souber deixar que o seu laicato pense e aja em sua presença e também em sua ausência; si êle lhe impuser autoritariamente as soluções, as maneiras de vêr, de viver ou de sentir, então ele estará clericalizando o seu laicato, calcando-o de alguma sorte sua própria maneira de ser. Mas não é isso que Deus pede.”

Porque a graça é bem mais condescendente que o melhor dos Sacerdotes... Este esforça-se por tornar-se outro Cristo... mas quão longe fica do ideal.

4 — Trabalhar constantemente em sua própria formação de Assistente

Resta um último dever, sôbre o qual discorreremos por alto, que é o de trabalhar constantemente em sua própria formação de Assistente de A. C.

Não pretendemos falar aqui do trabalho de formação sacerdotal começada no seminário, que deve ser continuada durante tôda a vida e que se impõe a todo Sacerdote pelo fato de ser sacerdote. Trataremos apenas da formação especial, exigida pela tarefa de Assistente da A. C.

Essa formação, o Assistente adquirí-la-á, em primeiro lugar, por um trabalho sincero de colaboração sacerdotal.

A A. C. é um apostolado organizado, uma participação do apostolado da hierarquia, e portanto um apostolado hierarquizado. Ilusão pois seria julgar possível cumprir bem seu dever de Assistente da A. C. sem uma colaboração estreita com a hierarquia da

respetiva organização, sem uma comunhão de pensamento e de ação com os Assistentes nacional e diocesano, sem a vontade firme de realizar em união com a hierarquia, e nada sem ela a finalidade ultima do movimento que é a recristianização do meio.

Aceitar as publicações do movimento, aceitá-las tais quais são, com suas deficiências inerentes a tudo o que é humano, aceitar sobretudo sempre as diretivas que elas trazem às vezes em oposição com a nossa maneira de vêr.

Sem dúvida isto exige muita abnegação, renúncia ao próprio juízo. à própria vontade... A mesma renúncia se requer quando tratar-se de visitas, não somente do Assistente nacional, mas dos dirigentes diocesanos para reconhecer de bom grado e com submissão os erros que se introduzirem no movimento, e trabalhar para corrigí-los.

De outro lado, que garantia de unidade e de fôrça, e que redobradas e triplicadas possibilidades de realizações!

A formação do Assistente se processará e há de se aperfeiçoar também no trabalho de colaboração entre os Assistentes, no trabalho de intercâmbio sacerdotal. Com razão é que um cura de aldeia fazia essa reflexão: "E' Cristo que instituiu o sacerdócio, mas foi o demônio que inventou o isolamento no qual o sacerdote tantas vezes se encontra."

Que de obséquios e encorajamentos, que aperfeiçoamento podem proporcionar-se uns aos outros, os Assistentes que mantêm verdadeira amizade sacerdotal, assistentes que saibam encontrar-se com frequência para comunicar-se as realizações e experiências, o saber, os pontos de vista e resolver reciproca-

mente os problemas, dando-se sempre mútuo apoio na continuidade perseverante desse difícil trabalho!

Vai nisso um trabalho de formação que nada poderá substituir. Nesses rápidos encontros, nossos conhecimentos aprofundam-se e dilatam-se muito mais de que num mês de penosas pesquisas para as quais talvez não tenhamos tempo disponível. Aprendamos a alargar os horizontes, não considerando somente nosso pequeno domínio, mas capacitando-nos à visão dos diversos aspetos de um mesmo problema, etc... sentimo-nos mais fortes, porque mais unidos nas alegrias e nos sacrifícios comuns em prol da mesma causa.

O Assistente porém que tiver a peito sua formação integral, deverá ainda, não hesitámos em dizê-lo, deixar-se formar um pouco pelos seus dirigentes e militantes. A expressão talvez assuste, mas pensando bem, nada tem que possa assustar.

E' necessário, dissemós, conhecer nossos dirigentes e compreendê-los, conhecer igualmente seu meio e compreendê-lo também. Sós, não o conseguiremos. Será por eles e com eles que percebemos os mil segredos de uma vida que já não é a nossa e que precisamos entretanto, conhecer e compreender. Será por êles e com êles que aprenderemos a ser compreendidos pelo meio, que aprenderemos suas necessidades de leigos e a elas adaptar os principios da vida cristã. E' por êles e com êles, enfim que aprenderemos a retomar contacto com a massa que de nós se vai afastando sobretudo nas grandes paróquias das cidades.

Todo esse trabalho real que nossos dirigentes e militantes, conscientemente ou não, estão chamados a fazer junto a nós (trabalho que se fará facilmente si tivermos a simplicidade e a humildade de aceitá-lo,

si se quiser realmente atingir as almas, si quisermos admitir que, mesmo conhecendo melhor do que êles os princípios, êles podem nos ensinar muito no senso prático, sobretudo a respeito das realizações possíveis no seu meio, no meio operário principalmente), todo êsse trabalho, não póde ser de fato chamado trabalho de formação e dizer que o Assistente de A. C. no pleno sentido da palavra deve deixar-se formar um pouco pelos seus dirigentes e seus militantes?

CONCLUSÃO

Dificuldades e consolações desta tarefa

Numa carta a Mgr. Perdomo sobre a Ação Católica na Columbia, a 18 de fevereiro de 1934, o Papa Pio XI escrevia: “Missão certamente difícil que requer uma grande abnegação e uma imolação de si mesmo, mas bem digna de Sacerdotes “in sortem Domini vocati” e que, com a ajuda de Deus, não deixará de lhes proporcionar as maiores consolações, vendo surgir de sua obra tantos novos perfeitos cristãos, tantos verdadeiros soldados de Cristo, prontos a aceitar todos os combates em favor do bem.”

“E como recompensa e sinal ainda mais precioso das divinas complacências, êles verão florescer numerosas vocações eclesiásticas e religiosas na juventude que êles terão aproximado mais do Coração de Cristo” (Guerry, p. 67).

“Grande abnegação, grande imolação de si, “eis as dificuldades preditas pelo Vigário de Cristo na terra e que encontrarão sua realização todos os dias. Não há nestas palavras como que um eco tocante das palavras de Cristo a seus Apóstolos sobre as perseguições e sofrimentos que os esperavam?

E’ que o Sacerdote, o Assistente da A. C. não edifica “sua” obra própria. Não são mais “seus” jovens, “seus” homens, que reserva para si. Êle forma almas de apóstolos para outras tarefas. Êle não os forma para conservá-los debaixo de sua tutela, de sua vigilância, nem para ter auxiliares dóceis às suas ordens. Êle os forma para o apostolado, para a conquista do meio sem que possa às vezes recolher êle mesmo o fruto de seu ministério; êle os forma para dá-los a outros, para consagrálos ao serviço da Igre-

ja, para firmá-los mais e mais na docilidade ao Espírito Santo.

O Sacerdote, "Servo inútil", como homem deve esquecer-se.

(Guerry, p. 294-295).

Eis as dificuldades que comporta a A. C., sem contar as provações, as contradições, os insucessos inerentes a tôda obra de bem, e especialmente inerentes à A. C., *a obra das obras*.

Mas há outro lado da medalha; são as consolações suaves e abundantes dêste ministério sublime.

"O Sacerdote, diz Mgr. Guerry, poderia gozar alegria mais pura que a de lançar em plena vida do mundo almas de apóstolos nas quais êle fez passar a vida pujante de Cristo?" (P. 196)

Formar outros Cristos, almas que viverão plenamente a vida de Cristo, sua vida de Filho Bem-Amado do Pai, sua vida de imolação à adorável vontade do Pai, no seu estado de vida e no seu trabalho quotidiano aceitos alegremente e livremente por amor dele; sua vida de Redentor do gênero humano pela sua ação de apostolado, de conquista de seu meio, junto de seus semelhantes; realizar isso no maior número possível de cristãos, eis a tarefa do Sacerdote na Ação Católica.

Conforme os termos de Mgr. Guerry (p. 297), "sua missão é pois uma função de paternidade espiritual." Êle é Pai, o pai das almas, com tudo o que êste nome tão belo implica de constantes cuidados, de vigilância delicada, de amorosa solicitude de dedicação que vá até o sacrifício, de sua saúde, e de sua vida. Longe de diminuir o papel do Sacerdote, dando aos leigos uma missão, a Ação Católica lho restitue. Ela lhe pede que seja Sacerdote, sòmente Sacerdote e totalmente Sacerdote!

Acção Catholica

A Acção Catholica, segundo Pío XI - Homilias pelo P. Dr. Felicio Magaldi

2 volumes de cerca de 700 paginas 20\$000

Appareceu a segunda edição desta importante e benemerita obra. Não será necessario destacar-lhe a importancia, pôr-lhe em relevo os meritos. Por si mesma se abre caminho, por si mesma se faz o reclame. A **Acção Catholica**, versada nas praticas do anno liturgico, estudada em face do Santo Evangelho, constitue uma obra de folego, uma benemerencia digna de todos os elogiós. Porque o thema é de actualidade, o assumpto de irrefragavel modernidade, é o estabelecimento do Reino de Christo pelo trabalho methodizado da Acção Catholica.

Não podemos preterir a figura do autor, o trabalhador e activo P. Felicio Magaldi, sobejamente conhecido nos campos literarios atravez de todo o Brasil. Encarecidamente recommendamos **A Acção Catholica**. A todos fará um bem grande o estudo consciencioso dessas paginas ungidas de piedade, repletas de profundos ensinamentos, adaptadas aos tempos hodiernos de trabalho, de operosidade, de combate.

Da "Ave Maria", de S. Paulo

Pedidos a "Fides Brasiliae" — Invalidos, 42 — Rio.

Preço do presente opusculo: 1\$000

Mandarino & Molinari Ltda. - Nuncio, 66 - Rio



Venha a nós o vosso Reino de paz e de amor, ó Christo, Rei dos reis !

PEQUENO CATECISMO

PRINCIPIOS
E DISPOSIÇÕES GERAES

Fides Brasiliae

Invalidos, 42
Rio de Janeiro

FIDES BRASILIÆ, editora

LIVROS E OPUSCULOS DE NOSSA EDIÇÃO

Pe. Estanislão de Santa Teresa

Carmelita Descalço da Provincia Toscana

SÃO JOÃO DA CRUZ:

Versão autorizada do Pe. Dr. Felício Magaldi — Registrado pelo correio 4\$000

A Acção Catholica:

Pequenas Homilias ao povo do nosso tempo, para todos os domingos e festas do anno, por Mons. Dr. FELICIO MAGALDI — 2.ª edição revista e augmentada — 2 volumes de mais de 600 paginas 20\$000

Encyclicas Sociaes de Pio XI:

Sobre o Matrimonio — a Restauração Social — a Educação da Juventude — o Cinema — a Oração e Penitencia — o Rosario — o Communismo e Nazismo 10\$000

Acção Catholica e Fascismo 1\$000

Sobre o Sacerdocio Catholico 1\$500

**PEQUENO CATECISMO
DA
ACÇÃO CATHOLICA**

compilado

para uso de seus parochianos

por **Monsenhor Dr. Felício Magaldi**

Vigario de Santo Antonio

Arcebispado do Rio de Janeiro

Todos sabem, e é bom que todos saibam, termos em summo apreço a Acção Catholica que é, como expressamente declaramos, "A MENINA DOS NOSSOS OLHOS". Pio XI.

1.ª Edição de "FIDES BRASILIÆ" — 5.º milheiro

Rio de Janeiro
Invalidos, 42
1939

RE CEDIC. N.º
NIHIL OBSTAT
Rio, 28-XII-1938
Pe. João Bapt. de Siqueira

IMPRIMATUR
Rio, 28-XII-1938
Mons. Rosalvo Costa Rego
Vigário Geral

Reg. Livr. 27, fls. 187

Reservados todos os direitos



HOMENAGEM
ao Cardeal da Acção Catholica,
Emmo. Sr. D. Sebastião Leme, nosso guia
e pastor inigualavel

A SUA EMINENCIA REVMA.

DOM SEBASTIÃO LEME DA SILVEIRA CINTRA,

Nosso bem amado Cardeal Arcebispo,
Dedicamos, com gratidão e amor,
Estas paginas humildes
Destinadas a vulgarizar
Seus anseios e seus ensinios,
No afan diario
De dilatar o Reino de Christo,
Com salutar efficiencia,
Em sua Archidiocese querida.

Rio, Janeiro de 1939

PROEMIO

A alma da Acção Catholica, de toda a Acção Catholica, não é sinão a vida interior.

E como a alma dá vida ao corpo, e a morte é constituída pela separação deste daquella, assim a Acção Catholica é portadora de fructos verdadeiros, corresponde ás suas altas finalidades, ou secca e se extingue, de conformidade com a alma que a vivifica e anima.

Basta recordar a classica definição que o S. P. Pio XI deu da *Acção Catholica*: "*E' ella a participação dos leigos no apostolado hierarchico da Igreja, afim de restaurar a vida catholica na familia e na sociedade*", para ficarmos convencidos de que tudo nella se relaciona com a vida interior: e especialmente a natureza do apostolado, que estão os leigos convidados a exercer, e a alta finalidade que visam, a de auxiliar a Igreja na sua missão redemptora.

Trata-se, pois, duma vitalidade espiritual e sobrenatural.

Os meios devem corresponder necessariamente ao fim. A *Acção Catholica*, se quizer formar os *apostolos, os missionarios, os soldados, os conquistadores do Rei Divino*, deve procurar sua força onde está a *fonte de toda a vitalidade*, isto é, na santificação pessoal.

Não se deve esquecer nunca que a *Acção Catholica* não só exige catholicos praticantes, mas militantes; christãos não honorarios, mas effectivos; christãos que christianizem, almas que se elevam para elevar, se santificam para santificar.

Porém, para alcançar esse desideratum, é

mister que todos compreendam o que é a "Acção Catholica", como se desenvolve, como actua e quaes são os seus principaes objectivos.

Para esse fim compilamos este Catecismo. Que Deus o abençoê e que se torne efficiente na consecução do seu intento!

Mons. Magaldi.

PEQUENO CATECISMO DA "ACÇÃO CATHOLICA"

Definição e natureza da Acção Catholica

P. Como se define a Acção Catholica, propriamente dita?

R. A Acção Catholica, propriamente dita, foi definida pelo Santo Padre nos seguintes termos: a participação dos leigos no apostolado hierarchico da Igreja.

P. Que se entende por apostolado hierarchico da Igreja?

R. Entende-se a missão official que a hierarchia tem de salvar as almas, dilatando o reino de Christo.

P. Que se entende por hierarchia?

R. Em se tratando da Acção Catholica, por hierarchia se entende os que exercem o poder de jurisdicção: o Papa os Bispos e os Parochos, continuadores da obra dos Apostolos — isto é o apostolado para cuja participação são chamados os leigos.

P. Que importa esta participação dos leigos no apostolado hierarchico?

R. Importa a ccollaboração dos mesmos com

a hierarchia a que se unem formando organizações, della dependentes, para auxiliar-a na missão de salvar as almas, dilatando o Reino de Christo.

- P. *Qual é a natureza destas organizações, que formam a assim dita Acção Catholica?*
- R. A de ser, como a hierarchia, *universal e official.*
- P. *Porque universal?*
- R. Universal porque seus varios ramos, disseminados pelo mundo inteiro, não são apenas aggregados insulados, mas grupos continuamente unidos entre si pela mesma vida organica e unitaria.
- P. *Porque official?*
- R. Official porque a Acção Catholica não é sómente subordinada, mas tambem coordenada á hierarchia, da qual é mandataria, conforme o pensamento de Pio XI.

SUAS FINALIDADES

- P. *Qual pois o fim supremo da Acção Catholica?*
- R. O fim supremo da Acção Catholica é o mesmo do apostolado hierarchico da Igreja, ou seja "diffundir o reino de Christo nos individuos, nas familias e na sociedade", como diz Pio XI, fim nobilissimo que coincide com o proprio fim da Igreja que é: a paz de Christo no Reino de Christo.
- P. *Que se faz mister para que a Acção Catholica consiga esse fim?*

- R. Faz-se mister uma condigna e adequada preparação. Assim como os clerigos, só mediante um longo tirocinio, se habilitam a exercer o apostolado hierarchico, assim tambem, com as devidas proporções, os leigos precisam duma formação previa antes de com elles collaborar.
- P. *Qual é, portanto, o fim proximo e insubstituivel da Acção Catholica?*
- R. O fim proximo e insubstituivel da Acção Catholica é a formação espiritual dos candidatos para as suas pacificas milicias.

SUA NECESSIDADE

- P. *Porque se torna necessaria a Acção Catholica, mesmo no Brasil?*
- R. Porque o Clero é insufficiente para subministrar a todos os fieis a necessaria assistencia espiritual, que os membros da Acção Catholica podem proporcionar cada qual, na sua esphera de acção, concorrendo dest'arte para reconduzir a Christo as almas que o Clero pela sua deficiencia ou por outras difficuldades não pode approximar.
- P. *Ha outros motivos que impellem os fieis a entrarem nesta santa milicia?*
- R. Sim, como diz o Santo Padre Pio XI. "São os perigos de todo o genero que ameaçam sempre mais a fé e a integridade dos costumes do povo christão, principalmente naquellas nações como o Brasil, onde os admiraveis progressos da cultura, da sciencia e da industria acarretam, com tantos bens, outros tantos

germens do mal, tão numerosos e nefandos”.

- P. *A Acção Catholica não é uma novidade dos nossos tempos?*
- P. Não. Ella sempre existiu desde os primordios da Egreja, quando os Apostolos chamaram os leigos, homens e mulheres, a participarem no apostolado de sua hierarchia. Nova é sómente a organização que lhe deu Pio XI, que avulta entre os demais papas pelo seu zelo e carinho em propagar a Acção Catholica que chegou a chamar “menina de seus olhos”.

SUAS ORGANIZAÇÕES

- P. *Em quantas organizações fundamentaes se divide a Acção Catholica no Brasil?*
- R. Divide-se em quatro organizações fundamentaes, a saber: 1.º — *Homens da Acção Catholica* (H. A. C.); 2.º — *Liga Feminina da Acção Catholica* (L. F. A. C.); 3.º — *Juventude Catholica Brasileira* (J. C. B.) e 4.º — *Juventude Feminina Catholica* (J. F. C.).
- P. *Funcionando estas quatro organizações fundamentaes, desaparecerão as demais Associações Catholicas já existentes?*
- R. Não, mas conforme declaram os Estatutos da A. C. B., “ficou estabelecida em todas as Dioceses, a *Confederação das Associações Catholicas*, que têm por fim unir e coordenar, para os objectivos geraes da Acção Catholica, todas as associações e obras catholicas existentes, sob as quaes, sem prejuizo da sua autonomia

e actividades particulares, são desde já, consideradas como associações ou obras adherentes á Acção Catholica Brasileira.

- P. *Uma vez em vigor essas organizações, não se tornarão desnecessarias todas as demais?*
- R. Não, porque, conforme affirma o Papa Pio XI, “além da Acção Catholica propriamente dita, existem outras instituições, associações e iniciativas, que tendem, com admiravel variedade de organismos, ou a uma cultura ascetica mais intensa, ou a praticas de piedade e religião, taes como, o Apostolado da Oração, ou ao exercicio da caridade christã em todas as suas irradiações e applicações, exercitando, de facto, um largo, efficaçissimo apostolado, individual e social, com outras tantas formas de organizações varias e apropriadas a cada uma dellas, mas por isso mesmo diversas da organização propria da Acção Catholica, obras portanto que não se podem, sem mais, chamar de Acção Catholica, mas se podem e se devem considerar como verdadeiras e providenciaes auxiliares da mesma”.
- P. *De que maneira essas obras podem auxiliar a Acção Catholica?*
- R. E' o mesmo Pontifice que nol-o aponta: 1.º — orando pela Acção Catholica; 2.º — propagando-lhe a belleza, a necessidade e as vantagens; 3.º — proporcionando-lhe bons elementos.

- P. *De que maneira poderão proporcionar essas obras auxiliares, bons elementos á Acção Catholica ?*
- R. Servindo para ella de seminarios em que se preparem para o apostolado, membros bem adestrados a manejar as armas necessarias para dilatar o reino de Christo.
- P. *Como os sodalicios religiosos poderão conseguir esse desideratum ?*
- R. Com o exercicio das virtudes christãs, isto é, vivendo uma vida integralmente christã, sem o que os soldados da Acção Catholica nada conseguirão no exercicio da mesma, porque ninguem pode dar o que não tem, e a Acção Catholica, conforme o mesmo Pontifice explica, não é outra coisa sinão a vida catholica em acção.

MEIOS PARA ALCANÇAR SEU FIM

- P. *Como se consegue alcançar o fim supremo da Acção Catholica e a dilatação do reino de Christo, nos individuos, na familia e na sociedade, synthetizado pelas palavras do Padre Nosso: ADVENIAT REGNUM TUUM — VENHA A NO'S O VOSSO REINO ?*
- R. Subordinando-lhe os fins particulares, que são outros tantos meios de que se serve a Acção Catholica para alargar o o Reino de Deus pelos varios sectores da vida humana.

Estes meios são: 1.º — *A propagação do pensamento e do sentimento religioso, no meio do povo e das classes cultas.*

2.º — *A christianização da familia, que é a cellula da sociedade.*

3.º — *A cooperação no campo educativo, pela escola, pelo cinema e outros meios que visam a educação catholica da mocidade.*

4.º — *A defesa da publica moralidade, isto é, cooperar por todos os modos para que se cumpra a justiça social, se pratique a caridade e se concorra eficazmente para a paz entre as classes abastadas e menos favorecidas, contriбуindo assim para a prosperidade material e economica do Paiz.*

- P. *Afim de que todos estes fins sejam alcançados, haverá necessidade de coordenar as actividades necessarias para isso, ou poderão taes actividades ser exercidas livremente, segundo o zelo e o arbitrio de cada um dos membros da Acção Catholica ?*
- R. Sendo a A. C. um apostolado organizado, ha imprescindivel necessidade de coordenar todas as suas actividades para o exito dos trabalhos, que sem unidade de direcção, se dispersariam inutilmente, e deixadas á livre iniciativa dos fieis, acabariam no mais completo fracasso, como infelizmente tem acontecido com muitas obras catholicas. A organização é indispensavel para o bom exito de toda a iniciativa.
- P. *Como se organiza a A. C. ?*
- R. "Lançando mão de grupos de catholicos fervorosos que, bem adestrados na theoria e na pratica, sejam o fermento evangelico que faça levantar e transformar-

se toda a massa dos demais catholicos". (Pio XI).

- P. *Que é necessario para que esses grupos consigam sua finalidade?*
- R. "Que vivam não só em perfeita harmonia, mas sejam sabiamente coordenados na mais estreita e organica unidade; portanto, associações parochiaes, organismos diocesanos, centros directivos nacionaes, tudo deve ser congruentemente compacto e entrelaçado, como membros dum só corpo, cohortes de um só valeroso exercito". (Pio XI).
- P. *Que se torna indispensavel para que as obras da Acção Catholica alcancem a victoria em seus empreendimentos afim de rechristianizar a sociedade?*
- R. "Que cada um dos grupos de Acção Catholica não se contente de germinar e florescer em si, mas concorram todos para o pleno florescimento da vitalidade christã, de maneira que, graças á cohesão e subordinação dos membros, o corpo todo brilhe de formosura e vigor". (Pio XI).

VIRTUDES CARACTERISTICAS DA A. C.

- P. *Quaes são as virtudes caracteristicas e necessarias para que os varios grupos de Acção Catholica alcancem o pleno florescimento da vitalidade christã?*
- R. São as tres apontadas pelo Santo Padre, a saber: Oração, Acção e Sacrificio.
- P. *Por que a oração?*

R. "Por que á oração, que culmina na constante união eucharistica, são promettidas todas as graças". "Alcançada tal união, está tudo alcançado, visto que a familiaridade, a santa intimidade com Jesus, a conformidade com o pensamento e com o coração divino não podem deixar de trazer consigo toda especie de bençãos". (Pio XI).

P. *Por que a Acção?*

R. "A' oração é preciso acrescentar a acção, para auxiliar os Pastores e o Clero que, especialmente nestes tempos, vão por toda a parte desenvolvendo sua operosidade. Occorre a acção dos leigos para supprir a deficiencia do Clero e se tornarem, com o ensino do Catecismo e o exercicio do apostolado, missionarios e apóstolos da verdade e do bem". (Pio XI).

P. *Por que o sacrificio?*

R. Por que sem o espirito de sacrificio, que importa na renuncia da propria vontade, "os varios cargos ou officios que tocam a cada um nos varios campos de acção, confiados aos leigos pela Igreja, nunca poderiam ser desempenhados com fructo, si não forem exercidos na dependencia daquelles que o Espirito Santo prepoz para governar a Igreja de Deus". (Pio XI). Seja, pois, a nossa divisa: *Nada sem o Bispo.*

ARMAS DA A. C.

P. *Quaes são as armas de que devem fazer uso os membros da Acção Catholica?*

R. São tres principalmente, a saber: a *palavra*, o *exemplo* e o *zelo*.

P. *Como se faz uso da palavra?*

R. Ensinando as verdades da religião a pequenos e grandes, e propagando e defendendo a doutrina catholica, visto ser a Acção Catholica, como diz o Santo Padre, "o Apostolado dos leigos que sob a guia dos Bispos, se collocam a serviço da Igreja, auxiliando-a a cumprir integralmente seu ministerio pastoral, que outro não é sinão "pregar o evangelho a toda creatura". Boa imprensa e bons raios são hoje meios poderosissimos de diffusão da palavra divina. E' imprescindivel o uso destas duas potencias, que nos facilitam o dever de fazer penetrar a palavra de Deus por toda a parte. E' pois obrigação dos catholicos favorecer e proteger a *Imprensa* e o *Radio* [Catholicos].

P. *Que importa o bom exemplo?*

R. O bom exemplo importa que "cada um na posição que occupa na familia, no trabalho, na sociedade, nos officios publicos, viva de maneira que a sua mesma vida demonstre como se faz para ser bons christãos, bons paes de familia, jovens bons, bons filhos e bons cidadãos". (Pio XI).

P. *Que é o zelo?*

R. O zelo é aquelle desvelo ou força poderosa que impelle os membros da Acção Catholica a praticar em relação ao proximo não somente os deveres de justiça

e de equidade, mas tambem os de caridade, de generosidade, de apostolado; ou, em outras palavras, o zelo é aquella chamma divina, isto é "a caridade de Christo que abraza, move, estimula, não dá treguas nem lazeres", aos corações dos apóstolos do Senhor, conforme diz S. Paulo, para tornal-o conhecido, amado e servido por todas as almas que o não conhecem e o não amam.

P. *Neste sentido, pois, qual é o programma especifico de cada uma das varias organizações basicas de Acção Catholica?*

R. 1.º) O PROGRAMMA ESPECIFICO DOS HOMENS DE ACÇÃO CATHOLICA. QUE ABRANGE OS MAIORES DE 30 ANNOS E OS CASADOS DE QUALQUER IDADE, DEVERA' SER O SEGUINTE :

a) Cuidar do aperfeiçoamento religioso, moral e social dos socios com relação especialmente ás suas condições particulares de vida e a seus deveres para com suas familias;

b) Zelar pela solução dos problemas que dizem respeito á familia e á educação da juventude;

c) interessar-se com desvelo pelo bom exito das iniciativas sociaes que se propõem a verdadeira educação do individuo e a restauração christã da sociedade.

Dest'arte os Homens de A. C. devem ter por fim a *acção* ou o exercicio do apostolado que se relaciona com a familia, com a parochia e com a sociedade.

OBJECTO PORTANTO DE SUA ACÇÃO
'PODERA' SER :

- a) a *santificação da Festa*;
- b) a assistência religiosa aos operarios;
- c) o apostolado da Paschoa dos Homens;
- d) a consagração das familias a celebrar-se annualmente com programma especial religioso e social;
- e) o zelo pelas *Obras Missionarias* e pró *Seminario*;
- f) a acção cultural em defesa das verdades catholicas contra o protestantismo, espiritismo e quejandas doutrinas;
- g) a diffusão da Boa Imprensa, principalmente do *Diario Catholico*;
- h) o apostolado da caridade por meio das Conferencias de S. Vicente e outras instituições de caridade.

2.º O PROGRAMMA ESPECIFICO DA LIGA FEMININA DE ACÇÃO CATHOLICA, QUE ABRANGE AS MAIORES DE 30 'ANNOS E AS CASADAS DE QUALQUER IDADE, DEVERA' SER O SEGUINTE :

- a) proporcionar ás associadas uma profunda formação religiosa para lhes facilitar a pratica e a diffusão das verdades catholicas e dos sãos principios e a disciplinada e filial collaboração ao apostolado hierarchico;
- b) assistir ás mulheres de qualquer estado ou categoria, no cumprimento de seus deveres individuaes, familiares, sociaes em correspondencia com sua missão christã e materna;
- c) preparar robustas energias femininas para a obra do apostolado a ser

desenvolvido nos varios sectores da da actividade feminina.

OBJECTO PORTANTO DE SUA ACÇÃO PODERA' SER :

- a) a *actuação pratica* das iniciativas do apostolado em prol do decoro do culto para reanimar a fé no povo e dilatal-a entre os infieis;
- b) sua *efficiente cooperação* para instruir e educar as consciencias das mães com conferencias e licções que interessem a mulher esposa e mãe, attra-hindo as pobres com donativos de roupas e distribuições de generos alimenticios;
- c) seu zeloso *interesse pela moralidade dos costumes*, com uma reacção salutar contra as modas indecentes; e
- d) sua collaboração constante para dar á educação da meninice um profundo cunho christão, promovendo e auxiliando Oratorios festivos e outras instituições que se proponham trabalhar para esse fim;
- e) sua *assistencia social* ás familias pobres e operarias, ás especiaes categorias de pesscas como enfermeiras e domesticas, com opportunas iniciativas de caracter benefico e moralizador, bem como encaminhar os meninos de ambos os sexos para delles formar aspirantes á Acção Catholica.

3.º O PROGRAMMA ESPECIFICO DA JUVENTUDE CATHOLICA BRASILEIRA, QUE ABRANGE JOVENS DOS 14 AOS 30 ANNOS, DEVERA' SER O SEGUINTE :

a) educar os jovens a orar fervorosamente, a commungar frequentemente, a exercer as obras da caridade principalmente por meio das Conferencias de São Vicente de Paulo;

b) diffundir a cultura religiosa entre os mesmos com cursos obrigatorios para o ensino do catecismo como coadjutores do Clero nas Parochias;

c) infundir-lhes o espirito missionario e o amor para as obras missionarias pontificas, as vocações ecclesiasticas e o zelo pelo decoro das Igrejas;

d) adestral-os ao estudo dos problemas sociaes segundo as directrizes da Igreja bem como dos que se relacionam com a vida individual, familiar e social, para se conformarem com ellas na sua vida particular e publica.

OBJECTO DE SUA ACTIVIDADE PODERA' SER :

a) promover e estimular as obras e iniciativas de assistencia espiritual em favor principalmente dos moços;

b) tomar a peito a collecta do obulo de São Pedro, em signal de particular affecto filial ao Summo Pontifice;

c) promover, sustentar e diffundir a imprensa catholica;

d) cuidar de modo particular que a caridade mutua e os laços duma fraternal amizade e sincera camaradagem reinem sempre entre os socios;

e) preparar para uma convicção profunda o catholico praticante e o cidadão consciente de seus deveres em prol do bem e da grandeza da Patria.

4.º O PROGRAMMA ESPECIFICO DA JUVENTUDE FEMININA DA ACÇÃO CATHOLICA BRASILEIRA deverá ser:

a) a educação da joven para a clara profissão e diffusão da Fé Catholica, a devoção e obediencia á Santa Sé e affecto filial ao Summo Pontifice;

b) a formação religiosa, intellectual, moral e social da joven para tornal-a idonea a incentivar na vida da familia e da Patria aquelle fervor de pensamento e de acção, que se inspira nos principios catholicos e que corresponde ás necessidades sociaes;

c) preparação da joven para a missão de esposa e mãe e para os generosos sacrificios que exige o apostolado religioso-social de nossos tempos.

OBJECTO DE SUA ACTIVIDADE PODERA' SER :

a) as reuniões periodicas que visam a formação moral e social das associadas;

b) a escola semanal de religião;

c) a pratica actuação das iniciativas do apostolado nas Parochias.

Estas iniciativas são:

a) de ordem religiosa, como communhões mensaes collectivas, hcras de adoração, apostolado catechista, zelo pelo decoro do culto, obra dos tabernaculos e outras que se relacionam com o decoro e o esplendor do culto;

b) de ordem cultural, como escolas de religião, bibliothecas circulantes, conferencias contra o espiritismo e o protestantismo, diffusão da Boa Imprensa;

c) de ordem moral, como a cruzada contra as modas indecentes, contra os

mãos livros, o turpiloquio, e outras campanhas desse genero;

d) *de ordem social*, como escolas de trabalho, (cortar, coser, bordar) de economia domestica, de orientação profissional, de assistencia moral ás jovens operarias conforme as circunstancias o exigirem.

P. *Emfim que relações tem a Acção Catholica com a politica ?*

R. Diz o Santo Padre Pio XI a respeito: "A Acção Catholica, visando a vida sobrenatural e tudo que lhe diz respeito, eleva-se e desenvolve-se acima e fóra de todo o partido politico. Ella não quer fazer a politica dum partido, nem ser um partido politico. Isto porém não quer dizer que nos devamos desinteressar da politica, quando a politica significa o complexo dos bens communs em opposição aos bens individuaes e particulaes. Porém, mesmo não fazendo politica de partido, a Acção Catholica entende preparar os outros a fazer boa politica, grande politica, entende preparar politicamente as consciencias dos cidadãos, e formal-as, tambem nesta materia, christãmente, catholicamente. (Pio XI).

P. *E' obrigatorio para os catholicos fazer parte da Acção Catholica?*

R. Sim, pois que, conforme diz Pio XI, "a Acção Catholica deve ser considerada pelos Pastores da Igreja como officio necessario do seu ministerio, e pelos fieis como uma obrigação da vida christã". Nosso Senhor mesmo nos recorda esta "obrigação do apostolado que se funda

sobre a caridade quando no *Padre Nosso* nos ensina a invocar o reino de Deus: "Venha a nós o vosso reino". Ora, o reino de Deus outra coisa não é, conforme diz Santo Thomaz, sinão "a glorificação de Deus na salvação dos homens".

ORAÇÃO PELA "ACÇÃO CATHOLICA"

"O' Jesus, que almejastes fazer da sociedade humana o vosso Reino, emquanto Vos agradecemos do fundo do coração por ter, mediante o appello do Vosso Vigário na terra, chamado todos os fieis para a honra de collaborar com o apostolado hierarchico, em dependencia da mesma Igreja, dignae-vos ouvir a invocação que Vós mesmo nos ensinastes: "VENHA A NÓS O VOSSO REINO".

Abençoa, Senhor, a grande familia da Acção Catholica, e nella as nossas Associações Catholicas; cumulae-as do espirito de piedade, infundindo-lhes um santo zelo pela salvação das almas, multiplicae-lhes o numero e as obras santas, afim de que, tornando-se instrumentos do Vosso Reino, pela obra de seu zelo, possaes tornar-Vos mais conhecido, amado e glorificado entre nós.

Seja esta nossa supplica por Vós attendida favoravelmente, pela intercessão da Virgem Immaculada, Padroeira do Brasil e Rainha dos Apostolos, pela intercessão dos nossos Santos Patronos, em companhia dos quaes nós queremos sempre repetir, com o coração e com as obras da nossa vida:

O' Jesus, venha a nós o Vosso Reino de amor, para Vossa Gloria e pela nossa salvação! Assim seja.

(Approvada por Sua Emcia. o Sr. Cardeal Maurilio Fossati, Arcebispo de Turim).

A ACÇÃO CATHOLICA BRASILEIRA NA ARCHIDIOCESE DO RIO DE JANEIRO

PRINCIPIOS E DISPOSIÇÕES GERAES PELO
EMMO. SR. CARDEAL-ARCEBISPO
DOM SEBASTIÃO LEME DA SILVEIRA
CINTRA

Para a fiel observancia dos Estatutos da Acção Catholica Brasileira, havemos por bem determinar que seus órgãos directores e coordenadores, o reverendo clero em geral, e os parochos e assistentes ecclesiasticos, em particular, empenhem todo zelo em firmar o conceito exacto da Acção Catholica nos moldes e instrucções do Santo Padre Pio XI e dos Estatutos da Acção Catholica Brasileira. Nesse intuito, aqui ficam estabelecidos varios principios e dispositivos hauridos ou inspirados em documentos pontificios.

“NATUREZA DA ACÇÃO CATHOLICA”

I — Segundo a definição do Santo Padre, a Acção Catholica é “a participação dos leigos no apostolado hierarchico da Igreja”. A’ organização ou quadro official dessa participação, no Brasil, dá-se o nome de Acção Catholica Brasileira. Seu objecto immediato é **formar** o laicato catholico para collaborar na missão sublime da Igreja: — salvar as almas, pela **christianização dos individuos, da familia e da sociedade**. Formar consciencias “primorosamente christãs”, diz Pio XI, é o primeiro esforço da Acção Catholica que, antes de mais nada, é acção educativa.

Formação completa, religiosa, moral e apostoli-

ca, que o Papa deseja cada vez mais profunda e mais intensa. Mas, a obra educacional da A. C. é factor e elemento "preparatorio". Não basta instruir-se na religião; é preciso instruir os outros. Não basta o cuidado da propria formação e santificação pessoal, que constituem, aliás, o dever maximo de todo christão; é preciso cuidar da formação e santificação dos outros, é indispensavel o apostolado. Dahi a necessidade de organizar os catholicos leigos para, como auxiliares da hierarchia, collaborarem no apostolado da Igreja. Fica, assim, esclarecida a natureza da A. C.: participação ou collaboraçào dos leigos no apostolado hierarchico e organizado.

Apostolado organizado sob a dependencia da hierarchia, para que os leigos, como seus auxiliares, possam levar por toda a parte o thesouro do Christianismo, fazendo-o valer e actuar em todos os campos, na familia e na sociedade, na vida privada e na vida publica.

Apostolado organizado, como requerem os tempos; só assim, bem formados e bem organizados os catholicos de todas as condições sociaes, chegarão a ser o "exercito apostolico" ao serviço de Christo Rei e sua Igreja, junto do Papa, junto dos bispos e dos sacerdotes.

Portanto, não é Acção Catholica, no sentido estricto da palavra, qualquer obra de apostolado; só o apostolado organizado sob a dependencia da hierarchia e, em seu nome, exercido por leigos que se ar-regimentam, para actuarem no meio em que vivem, afim de integral-o no reino de Christo.

SUA FINALIDADE

2 — Participaçào no apostolado hierarchico e na missão da Igreja, e, por isso mesmo, "destinada, não a fins materiaes e terrenos, mas espirituaes e celestes", a A. C. exclue de sua actividade tudo que seja extranho a essa missão; não só a politica partidaria, mas ainda os interesses economicos de classes ou particulares e quaesquer outros objectos de ordem

puramente material. Assim, ás associações catholicas que desenvolvem a sua acção directamente no campo economico e profissional, ficará a responsabilidade de suas iniciativas e de seus actos em tudo que se refere a interesses meramente economicos, ao passo que, no seu aspecto religioso e moral, dependerão da A. C. (Discurso de Pio XI á Juventude Catholica Italiana, 19 de Março de 1927; Carta ao Cardeal Segura) ...

SUA INCONFUNDIBILIDADE

3 — A A. C. não é uma associação a mais que se vem enfileirar ao lado das outras, como qualquer uma dellas, na floração das obras diocesanias e parochiaes. A A. C. paira em esphera superior; uma organizaçào que, sob a dependencia immediata da hierarchia, aos catholicos leigos de todas as condições sociaes, e ás obras catholicas, de todo genero, proporciona e facilita a collaboraçào no apostolado da Igreja.

Ahi, o motivo por que a A. C. não deve confundir-se, nem mesmo aparentemente, com qualquer associação ou obra de fins particularizados, por nobres que sejam, as Conferencias Vicentinas, por exemplo. Apesar de, entre nós, terem sempre desenvolvido um apostolado edificantissimo, são associações de objectivos apostolicos delimitados. A A. C., não; ella visa o apostolado universal, sem limites outros que não os da propria missão hierarchica, a qual na A. C. tem, como quer o Santo Padre Pio XI, "mãos, braços, labios, corações, vontades" que auxiliam a instaurar ou restaurar a vida catholica em todos os meios sociaes. Dentro da A. C., acima das associações de actividades particularizadas, todos os catholicos e todas as obras têm o seu lugar de honra e de dever.

4 — Do artigo precedente, segue-se que em regra geral, para os postos de commando da A. C. não serão preferidos os chefes e "leaders" que, por suas ligações naturaes com obras de fins particulares, possam comprometter, mesmo só na apparencia, o conceito essencial da Acção Catholica: collaboraçào em todos os campos do apostolado hierarchico.

SUA IMPRENSA

5 — Por motivo identico, e com maior cuidado ainda, deve a A. C. escolher os directores e collaboradores de seus orgãos de publicidade entre catholicos que não sejam militantes da politica partidaria, nem extremados em suas opiniões pessoases, de escola ou corrente doutrinaria.

6 — A imprensa catholica, no pensamento de Pio XI, não deve ser, apenas, “um grande auxiliar da A. C.”, mas “tornar-se ella mesma uma das suas mais importantes funcções, actividades e energias”. Dahi o empenho que a A. C. tem na formação de jornalistas verdadeiramente catholicos, que aos pontos de vista, pessoases ou partidarios, saibam sobrepor as directrizes e intenções do magisterio hierarchico. Só assim, a imprensa catholica será para a A. C. “grande voz, e a grande luz de que ella tem necessidade”. (Discurso de Sua Santidade, ao Congresso de jornalistas catholicos, 27 de junho de 1929).

De nada valeria formar bons jornalistas, se não nos preocupamos de tornar as consciencias com relação á necessidade da imprensa catholica e á obrigação inilludivel de promovel-a e sustental-a, moral e economicamente.

Por “imprensa catholica” não se entende aquella que é, apenas, sympatisante e nada publica contra a fe e os bons costumes. Só aos orgaos de publicidade que, integralmente submissos á orientação da hierarchia, são verdadeiros instrumentos de defesa e propaganda dos principios religiosos e moraes, chamamos “imprensa catholica”. Para valorizal-a e diffundil-a, quer o Santo Padre Pio XI a contribuição coordenada da A. C. Considerando os grandes recursos que exige, em nossos dias, um jornal bem lançado, recommenda Sua Santidade que “tambem no campo da imprensa, se concentrem os esforços generosos dos fieis em torno das iniciativas de utilidade geral, sacrificados, quando necessarios, os interesses particulares e regio-

naes”. (Pio XI — Carta ao Cardeal Cerejeira — 13 de Fevereiro de 1934).

Attendendo, pois, aos conselhos do Santo Padre, deve a A. C. favorecer, por todos os meios e á custa de todos os sacrificios, a imprensa catholica, em geral, sem prejuizo, porém, da preparação de sua imprensa, isto é, da imprensa da Acção Catholica, vehiculo indispensavel á irradiação e actuação de seus programmas.

SUAS ACTIVIDADES

7 — Como actividades que se impõem ao estudo e ao esforço da A. C. B., muito se recommendam as que constituem o objecto das commissões da Confederação das Associações Catholicas. Taes commissões, modeladas de accordo com estas bases geraes, passarão a ser Commissões de A. C., sob as vistas do Conselho Superior Diocesano.

- 1) Fé e Moral — propaganda, defesa e preservação.
- 2) Ensino do Catecismo.
- 3) Obras de piedade e culto.
- 4) Escolas.
- 5) Santificação das familias.
- 6) Imprensa.
- 7) Vocações.
- 8) Descanso dominical.
- 9) Obras de caridade e assistencia popular.
- 10) Obras sociaes e operarias.
- 11) Construcção de Igrejas e capellas.

8 — Considerando que a “acção social”, ao visar a pacificação e a concordia das classes, na mutua cooperação — que é fructo não só de justiça, mas de benevolencia e caridade christã em toda a sua nobre função social — contribue muito para o bem estar da sociedade civil”; considerando os motivos sobrenaturaes que, pela voz augusta do Papa, nos impõe o dever de “preservar os operarios das falsas doutrinas e dos perigos do socialismo e do communismo”, bem como de nos esforçarmos por “elevar as condições physicas e economicas dos trabalhadores, não menos

que as religiosas e moraes"; obedecendo, emfim, ás ordens e instrucções do Vigario de Jesus Christo, para quem, na hora presente, nada ha de "mais opportuno, mais necessario e tão do coração do Papa", a A. C. B. tudo fará em beneficio do operariado. Nesse intuito, o Conselho Nacional e o Conselho Diocesano procurarão instituir secretariados especiaes que, "estudando e analysando, á luz da doutrina catholica, os phenomenos sociaes", tratem de promover, estimular, proteger e orientar a organização das classes trabalhadoras.

NO TERRENO POLITICO . . .

9 — Por excluir de suas actividades a politica partidaria, não se deduza que a A. C. renuncie ao direito e ao dever de actuar na defesa do bem publico. Essencialmente destinada a instaurar o reino de Christo em todas as coisas, não só na vida privada e familiar, mas ainda na vida social e publica, a A. C. trahiria a sua finalidade suprema, se descurasse a applicação dos principios catholicos á vida politica. No exercicio de tão alta missão, patriotica e religiosa, empenhará a A. C. todas as possibilidades de sua obra educativa, para formar a consciencia dos catholicos na esphera dos deveres civicos e preparar, dest'arte, uma phalange de cidadãos exemplares.

Baldado seria todo esforço, se desde logo não reagir contra o phenomeno, na phrase de Pio XI, "monstruoso e não raro", de homens que, dizendo-se catholicos, têm uma consciencia na vida privada e outra consciencia na vida publica. (Carta ao Cardeal Cerejeira).

Desse estranho phenomeno assim nos fala conhecido autor: "Religiosos no lar e no templo, e irreligiosos (ou indifferentes) nos cargos publicos e nas funções politicas, como se o Evangelho de Christo não fosse um codigo de deveres sagrados que abraçam toda a actividade do homem, não só a privada e domestica, mas tambem a publica".

Eis por que a formação de consciencias e o apostolado da A. C. visam a "applicação dos principios

catholicos a toda a vida social, isto é, á vida do homem, do profissional, do operario, do empregado, do preceptor, do cidadão, do eleitor e do legislador, a todos ensinando o modo de resolver os problemas politicos e sociaes á luz do pensamento christão e segundo as directrizes da Igreja" (Civardi-Manuale di Azione Cattolica).

Desnecessario frisar que, além da intervenção indirecta na vida politica, a A. C. póde e deve intervir directamente, toda vez que as questões politicas envolvam interesses religiosos e moraes.

Reservando a seus órgãos regulamentares a obra de formação no que diz com a vida publica, a A. C. B. confia á Liga Eleitoral Catholica a organização e a orientação (sempre extra-partidaria) do eleitorado catholico nos casos concretos da vida politica do paiz.

CONDIÇÕES ESSENCIAES PARA O EXITO DA A. C.

10 — Na impossibilidade de se fixar desde já todo o desdobramento das actividades da A. C., convém salientar que o exito do nosso apostolado dependerá de tres condições essenciaes: a) piedade e espirito sobrenatural; b) preparo e estudo; c) coordenação de vistas e união de esforços.

Para despertar e fomentar o espirito sobrenatural e a piedade, da qual diz Pio XI, que deve estar "antes e acima de tudo, em tudo e por tudo", teremos os actos religiosos, a frequencia dos sacramentos, principalmente, da Eucharistia, as adorações eucharisticas, os retiros fechados, os "dias" e "semanas" espirituaes, a vida liturgica e outras praticas tão em voga no meio da A. C.

Para a preparação intellectual, o estudo e a cultura, que, na affirmação do Santo Padre, "nunca será demasiada", "cursos de Acção Catholica", "semanas", "dias", sem esquecer as conferencias, discussões, leituras, revistas e sobretudo, escolhidas bibliothecas. A cultura religiosa, principalmente nas associações da juventude, deve ser na A. C. a base da formação espiritual dos socios.

Será de bom aviso começar a organização ou reorganização da A. C. pela formação de dirigentes, uma vez que, como observa o Santo Padre Pio XI, "é verdade confirmada pela experiencia de cada dia que da habilitação dos chefes depende geralmente o futuro das instituições". (Pio XI — Carta ao Cardeal Cerejeira, 13 de Fevereiro de 1934).

Para formar dirigentes, temos os tradicionaes "circulos de estudos", muito efficientes, se não se transformarem em aulas, monologos ou conferencias eruditas.

Do terceiro requisito, essencial ao apostolado da A. C., escreve o Santo Padre: "A harmonia de propósitos e a união das forças são condições indispensaveis para o bom exito da A. C."

"Esquecidos de todo motivo que possa dividil-os em coisas da terra, os pastores e fieis serão unidos como um só homem, em tudo que se relacione com a gloria de Deus e salvação das almas". (Carta ao Cardeal Cerejeira)

11 — Cumpre esclarecer o principio de que em regra geral tem a A. C. como base a parochia. Está representa, por certo, um factor indispensavel; não unico, porém. Donde se colhe que a parochia não pode ser um nucleo insulado ou fechado em torno da Igreja matriz e do pastor local. Pela A. C., quer o Papa integrar a parochia no corpo mystico da Igreja, da qual é um orgão vivo na diocese, em cada nação e no mundo. Se na peripheria, forma a A. C. "agrupamentos em torno dos parochos", ella é, e não pode deixar de ser, "essencialmente diocesana".

Todos os nucleos parochiaes, coordenados junto ao bispo, á sua disposição para a A. C.; todos os agrupamentos diocesanos, coordenados ao serviço da A. C. Nacional; todas as grandes organizações nacionaes coordenadas em torno do Pai Commum e Chefe Universal da Igreja, para a "Paz de Christo, no reino de Christo".

Rio de Janeiro, 15 de Junho de 1935.

† **Sebastião**, Cardeal Arcebispo.

FIDES BRASILIÆ, editora

LIVROS E OPUSCULOS DE NOSSA EDIÇÃO

Omnia Mecum Sacerdotum, encadernado,
320 pags. Ritual, Homilias e Preces
para os sacerdotes 5\$000

Mons. Olgiatei:

UM MESTRE DE FE' E DE VIDA

O servo de Deus Vico Necchi, medico,
professor e pae de familia dos nossos
tempos. Versão do Pe. Magaldi, 2.^a
edição 3\$000

O LIVRO AZUL

O melhor presente para moças, bro-
chura 3\$000

CATECISMO E CANTICOS POPU-
LARES, cada exemplar — 32 paginas \$100

Todas as obras de nossa edição juntas pelo
Correio 30\$000

EM PREPARAÇÃO: a 2.^a edição da Questão Social
de Mons. Francisco Olgiatei, posta em dia
com as Encyclicas de Pio XI. — Versão
autorizada de Mons. dr. Felicio Magaldi 8\$000

Lucy
1934

SEMANA DE AÇÃO CATOLICA
8 A 14 DE JANEIRO DE 1934

A QUESTÃO SOCIAL

DOM NORBERTO ANTUNES VIEIRA - O. S. B.
REITOR DA FACULDADE DE FILOSOFIA DE SÃO BENTO

O PROBLEMA DO
TRABALHO FEMININO

EUGENIA DA GAMA CERQUEIRA



PUBLICAÇÃO DO CENTRO DE ESTUDOS E AÇÃO SOCIAL
35, RUA LIBERO BADARÓ
SÃO PAULO

NIHIL OBSTAT

Sancti Pauli, die 3.a Martii 1934

Pe. Ernesto de Paula

Censor

IMPRIMATUR

Sancti Pauli, 6 Martii 1934

Mons. Gastão L. Pinto

V. G.

A QUESTÃO SOCIAL

DOM NORBERTO ANTUNES VIEIRA - O. S. B.
REITOR DA FACULDADE DE FILOSOFIA DE SÃO BENTO

Os organizadores desta primeira semana de "Acção Catholica" de S. Paulo houveram por bem confiar a um lente de philosophia que maior pendor experimenta para questões metaphysicas, a incumbencia summamente honrosa e não menos delicada de uma conferencia sobre o espinhoso problema do consorcio humano.

Estamos certos de que nossa palavra não desmerecerá de vossa attenção si, em lapso de tempo relativamente breve, lograrmos apresentar em devido realce os pontos cardeaes da encyclica "Quadragesimo anno".

Em meio ao mal-estar social assaz generalizado, resolveu, ha mais de dous annos, a voz de Pio XI, — echo historico de quarenta annos, palavra doutrinal de sociologia christã, directriz segura e firme no encaço por que se deve rumar á feliz soluçáo da questão social.

Entrementes é com a alma enlutada de tristeza que vemos a indifferença e até a hostilidade de muitos no modo por que ouvem os ensinamentos da maior autoridade moral que se impõe no mundo. Por egual maneira attentamos em que muitos outros ha que mal sabem que Roma fallou e pouco curiosos são em saber o que fallou. Alfim, com grande pezar deparamos que uma ou outra palavra pontificia previamente deformada por interpretes superficiaes, dá ensejo ás tão sedicças quão falsas apostrophes respeitantes a timidez social da Egreja, as suas suppostas alianças, ao, assim chamado, ópio da resignaçáo que ella préga.

Que ao menos os catholicos "de facto", e não apenas "de nome", mas todos, dizemos, isto é, de todas as cate-

gorias sociaes sem excepção, não se neguem a auscultar de boa mente tão preciosos ensinamentos da razão illuminada pela fé, subministrados no documento pontificio. Ademais, que elles os preservem outrosim e saibam reivindicar-os de toda e qualquer incomprehensão possível, e, sobretudo, lhes assegurem repercussão decidida na propria vida individual e collectiva.

A bem da verdade vem a pelo que se diga que nem sempre, no passado, os crentes se mostraram arautos da palavra de salvação que lhes coube. E si para tanto fallecem as possibilidades e aptidões da immensa maioria, não ha por onde se não deva reprehender o não terem todos elles e sempre envidado o melhor de seus esforços por que seus actos se pautassem consoante a doutrina opportunamente proclamada.

Mercê de ambas estas falhas aqui candidamente apontadas, ha quem ouse julgar da “Quadragesimo anno”, bem como das demais encyclicas pontificias em geral, como de outros tantos documentos respeitabilissimos, sim, pelo valor doutrinario intrinseco, e, por isto mesmo, assaz efficientes no campo theorico, que no emtanto pouco ou nada concorrem ao que respeita á consecução pratica dos objectivos collimados. O aqodamento de tal apreciação, sobre estar em desaccordo com a realidade objectiva dos factos, é em rigor, tão sómente aceitavel áquelles que, immersos no mais fundo materialismo, se esquecem por completo que não são as machinas e sim as idéas, boas ou más, que governam o mundo dos animaes racionaes, porquanto, ao modo de sementes vigorosas que desafiam a diuturnidade do tempo, as idéas vingam em numerosa porcentagem, e, com maior rapidez do que se pensa, ellas germinam e crescem e florescem e fructificam.

E quem, na verdade, após perlustrar os ultimos quarenta annos da historia da sociologia; ao assignalar o não commum avanço que de continuo se processou na esphera theorica deste recanto scientifico; ao constatar, ao lado do muito mais que ha por fazer, as reaes victorias alcançadas no campo das realizações praticas, — quem, perguntamos, digno de ser ouvido na materia, abalançar-se-ia a regatear á immortal “Rerum novarum” os fóros de “magna charta” de sociologia, á qual em porção incommensuravel se deve attribuir o já se terem alcançado fructos optimos e opimos?

Comquanto assim seja, não é inoportuna a insistencia de Pio XI em sua "Quadragesimo anno". O novo documento não é apenas motivado pelo ulterior desenvolvimento que se impunha e que, de facto, por elle é conferido á doutrina da "Rerum novarum". E' que ha em muitos lentidão de espirito em comprehender, e frouxidão de docilidade em praticar o que se comprehende que deve ser praticado, maximé no campo das realizações collectivas.

Apezar de todos os pezares, a persistencia, a repetição e o ulterior desenvolvimento do ensino doutrinal facilitarão, por certo, uma melhor comprehensão das idéas e açularão possantemente as vontades de molde que um avanço formidavel seja emfim a consagração dos esforços envidados, os fructos abundantes da sementeira das idéas.

Praza aos céos que a encyclica "Quadragesimo anno" seja realmente o segundo marco de nova epocha, cuja feição social a mais e mais se accentue consoante aos moldes sublimes da justiça e da caridade, tão magistralmente exalçados por Pio XI. Notemos bem. Consoante aos moldes sublimes da justiça e da caridade.

Já Leão XIII contemplando a sociedade humana cada vez mais dividida em duas classes: das quaes uma, pequena em numero, gozava de quasi todas as commodidades que as invenções modernas fornecem em abundancia; ao passo que a outra, composta de uma multidão immensa de operarios, gemia na mais calamitosa miseria e debalde se esforçava por sahir da penuria em que se debatia, — já Leão XIII, dizemos, contemplando as proporções gigantescas de tal scisão na sociedade, não pactuava em absoluto com o modo de ver daquelles que, nadando em riquezas, suppunham tal estado de coisas effeito inevitavel das leis economicas e que por isso attribuiam tão sómente á caridade todo o cuidado de socorrer os miseraveis. Muito ao contrario. O sabio Pontifice proclamava alto e bom som a iniquidade de tamanha e descommunal differença na distribuição dos bens da fortuna; si defendia a propriedade contra os sonhos dos socialistas, simultaneamente desmascarava a injustiça, qual causadora de tantos soffrimentos; previa argutamente reacções violentas, caso de prompto se não puzesse mão a attender aos reclamos da justiça; inculcava com repetida insistencia a necessidade de uma reforma urgente e radical; e, para

que tal fosse encaminhado á via dos factos, fazia sim appello vehemente á caridade, mas pari passu declarava o que desejariamos chegasse aos ouvidos de todos, saber, que não é attribuição propria da caridade o capear as violações da justiça; traçava consequentemente as linhas mestras de uma reforma, que tinha por base a justiça e por remate a caridade: por base a justiça, porquanto via na injustiça a causadora do desastre social, por remate a caridade que transpõe os limites da justiça e que tanto mais deve ser exercida, quanto menos a justiça se exerce; reconhecia emfim que sua grandiosa obra de restauração social seria levada a effeito mercê de um triplice concurso, a saber: da igreja, do estado e dos proprios interessados.

E Pio XI em sua “Quadragesimo anno” outra coisa não faz senão inculcar, desenvolver e aperfeiçoar a doutrina de Leão XIII. Passemos, sem mais detença, á indicação dos pontos capitaes da doutrina exposta no novo documento. Note-se que a “Quadragesimo anno” se desdobra em tres capitulos. O primeiro relembra as influencias beneficicas exercidas pela “Rerum novarum” sobre as idéas, os costumes e as instituições respeitantes á solução da questão social, pondo em realce a parte immensa que lhe toca nas evoluções quer felizmente registadas, quer ainda presentemente em curso. O capitulo segundo é eminentemente constructivo. O terceiro offerece um cunho decididamente moral. E’ pois intenção nossa considerarmos os capitulos segundo e terceiro.

In limine reafirma o Pontifice não só o pleno direito, como tambem o grave dever da Igreja em se pronunciar a respeito da questão social. Não que ella se arvore, por um modo formal e difinitivo, em lente de economia social ou politica. E sim que ella, ciosa de sua divina missão, qual é cuidar dos destinos individuaes e difinitivos dos homens, não se pode desinteressar das condições da vida collectiva e terrestre, porquanto taes condições fazem echo na sorte eterna das almas.

Após este preambulo, Pio XI dá inicio ao seu estudo. E porque haja idéa de conjuncto, notemos que o Pontifice neste segundo capitulo aborda duas questões de actualidade palpitante e summamente graves, a saber: a da

propriedade e a do salario. Servindo-nos da allegoria costumeira, podemos dizer que a propriedade e o salario são, no complexo da construcção social, os dous pavilhões mais expostos ás injurias do tempo. E' pois util e mesmo necessario de quando em quando submettel-os á inspecção. Em seguida, traça Pio XI, ainda neste capitulo segundo, as linhas mestras das instituições desejaveis.

Comecemos pelo que respeita á propriedade. Qual é a attitude do Pontifice em face desta instituição? O Santo Padre defende a sua legitimidade, relembra que sua negação resultaria em detrimento maximo da propria causa dos trabalhadores, e, o que mais é, e nisto insistimos com todas as véras, proclama, sem rebuços, o duplo caracter individual e social desta instituição. E' precisamente neste empenho declarado, que revela a encyclica, em pôr no devido realce o duplo caracter individual e social da propriedade, que reside uma nota distinctiva do novo documento. Tal empenho se repete quando da inspecção sobre o salario. E não é para menos. Com effeito, assim como um texto fóra do contexto é sobejas vezes passivel de interpretação erronea, por egual maneira o isolamento de noções naturalmente connexas dá facilmente azo a falsa comprehensão das mesmas. Propriedade, salario e instituições congeneres são, não ha duvidar, para os interessados, isto é, para aquelles que nestas instituições encontram sua propria e immediata vantagem. Entretanto, consideral-as apenas sob tal ponto de vista pessoal, seria sobremodo deficiente. E' mister em absoluto, porque se logre uma visão integral, consideral-as onde realmente estão, isto é, no conjuncto social. E' o que decididamente visa e mui felizmente attinge a nova encyclica.

Tratando-se, pois, da propriedade, e porque se ponha ao clarão de luz meridiana o seu duplo caracter individual e social, sublinhe-se, uma vez por todas, a distincção que se passa entre o direito de propriedade e o uso deste direito. O direito é garantido pela justiça commutativa, que regula as relações entre os individuos. O uso apresenta, no seu exercicio, outros titulos e tambem outras obrigações. E' pois tarefa distincta para os sociologos, delimitar exactamente ambas estas regiões, que não se confundem. E as conclusões não se fazem esperar, a saber, em resumo: As exigencias sociaes fazem echo outrosim na propriedade e no seu uso.

Seria, na verdade, assaz comezinho erigir o direito de

propriedade em noção por completo immovel e sob todo ponto de vista intangivel. Sem duvida elle é anterior ao estado, o qual, por isto mesmo, não pode ser arbitrario em suas disposições respeitantes á propriedade no seu direito. Donde a propria natureza impõe que seja devidamente acautelado pelo estado o direito de propriedade e, por conseguinte, o direito de transmittil-a. Isto resalvado, ha margem para certas formas accidentaes e accessorias perfeitamente adaptaveis ás exigencias do bem commum.

O que acabamos de salientar no que respeita ao direito de propriedade, repercute naturalmente no uso do que se possui. Tal uso está submettido ao bem commum e, por conseguinte, ao controle da sociedade, encarregada de harmonizal-o com o interesse geral. E é evidente que tal submissão representa para os proprietarios uma parcella de sacrificios, os quaes, no emtanto, em hypothese alguma, como decorre do direito de propriedade, jamais poderão attingir os confins da expoliação. Por tal forma, a medida destes sacrificios sempre se deve inspirar nas altas razões de harmonia entre o bem individual e o bem commum. Assim sendo, não ha porque taes restricções tomem os visos de attentados contra os interesses particulares. Ao emvez, obedecendo á sua finalidade acima mencionada, impedem ellas que a divisão dos bens cesse de servir á sua razão de ser, degenerando-se em abuso intoleravel.

Alem destas restricções, decorrentes, por via da justiça, do character social da propriedade particular, vem á tona outras obrigações, a que não fazem echo as leis civis. Ha uma lei divina que impõe a quantos possuem mais do que precisam verdadeira obrigação de soccorrer a quantos não possuem o de que precisam. E esta lei da esmola tanto mais urge, quanto mais abundantes forem os haveres de que se não precisa, e quanto maior a indigencia daquelles a que falta o de que precisam.

Por ultimo, um dos melhores usos que se possa fazer de recursos abundantes, é o de proporcionar a outrem trabalho util e lucrativo, sendo que por tal modo as necessidades particulares dos trabalhadores, o interesse commum e até a propria vantagem do possuidor experimentarão proveito simultaneo.

Eis de relance, o que nos pareceu opportuno salientar, em se tratando da propriedade. As reservas e restri-

ções apontadas na encyclica, bem o sabemos, não são ineditas, não são propriamente innovações. Entretanto são apresentadas com tal força que a muitos, por certo, causará espanto. E' que, e não será de balde notar, uma noção por demais acanhada, ou melhor, egoista da propriedade creou, em muitos, raizes bem profundas, quicá na proporção em que para elles a aquisição dos bens a pouco e pouco se furtou, cada vez mais, ao esforço pessoal. Julgamos, por isso, opportuna a nossa insistencia, mórmente nesta epocha de tempestades, que naturalmente devia succeder áquella em que o liberalismo não se cançou de semear ventos; nesta epocha de tempestades, que por tanto mais tempo ha de perdurar, por quanto se prolongar tão malfadada sementeira.

As considerações acima, referentes á propriedade, como que se completam e integram pela inspecção a que fica submettido o salario. E com effeito, nem todas as propriedades se exploram ou podem ser exploradas exclusivamente pelo trabalho do proprietario. Eis-nos, pois, em face da remuneração a que faz jus ante o proprietario o esforço contractado de outrem exercido na exploração da propriedade. Relembrando a allegoria da construcção, eis-nos em face de um segundo pavilhão assaz exposto ás injurias do tempo. Trata-se de uma instituição, dizemos, sobremodo exposta ás injustiças dos homens. Aqui, como quando da propriedade, outra não pode ser a norma directiva das considerações, senão o duplo character individual e social do salario. E só na fidelidade a esta norma que poderá alcançar guarida a sublime razão da justiça, fundamento indispensavel do bem-estar social.

Admoesta-nos a encyclica que nesta materia ha dois extremos a evitar, exigindo a justiça que se permaneça num meio termo. E', sem duvida, extremista a aspiração daquelles que, descontando apenas o que basta a reconstituir o capital, attribuem a integralidade dos lucros só e exclusivamente ao trabalho. De outro lado, não é menos extremista a ambição do capital que se arroga o direito de embolsar a integralidade dos lucros, alcançados pelo trabalho de outrem, deixando ao operario unicamente o bastante para restaurar e reproduzir as forças. Ambas as pretensões são injustas, porquanto, no dizer lapidar de Leão XIII, "de nada vale o capital sem o trabalho, nem o trabalho sem o capital". E', pois, flagrante injustiça attribuir ou só ao capital ou só ao trabalho o producto do con-

curso de ambos. O que a justiça de per si reclama é que se faça pro-rata a distribuição de tal producto.

Como cada um bem vê, esta exigencia da justiça é muito pouco attendida. Prova-o sobejamente o contraste que persiste entre o pequeno numero dos privilegiados da fortuna e a multidão immensa dos que, apesar de morigerados e trabalhadores, não possuem o sufficiente. E', pois, mister que se proceda, sempre com a prudencia que o caso requer, a uma melhor e mais justa distribuição das riquezas adquiridas pela producção moderna, a escopo de "desproletarizar" as massas, — palavra barbara a serviço de uma causa justa.

Não ha duvidar que, por um periodo ainda assaz longo, a retribuição feita ao trabalho processar-se-á pela base do contracto que regularisa a compra e venda do mesmo, isto é, encontrará a sua expressão no salario. E seja dito, muito embora de passagem, que tal contracto de compra e venda do trabalho, si obedecer aos reclamos da justiça, não pode ser acoimado de iniquo. Entretanto nem por isso se diga que tal systema seja o unico possivel ou o mais desejavel. Nada impede que uma mudança a pouco e pouco se processasse, tendente a um regimen, em que o contracto de salario a mais e mais seja substituido pelo de associação, ou pelo menos por um contracto cuja feição resulte da combinação harmoniosa de ambas as especies de contracto aqui mencionados.

Em todo caso, vivemos na hora presente, que é a do salario. Procuremos, pois, conhecer o que a tal respeito exige a justiça. E veremos que a desproletarisação das massas, objectivo que deve ser a todo transe efficientemente collimado, não é em absoluto incompativel com o systema de salario, si este attender á voz da justiça.

Numa palavra podemos dizer que o salario será justo, si satisfazer ás exigencias tanto de ordem individual, como social, porquanto é elle a remuneração do trabalho que, sobretudo o contractado, além do aspecto individual, apresenta um aspecto social. Deverá, pois, o salario, por ser individual, antes de mais nada, ser, por isso mesmo, *vital*, isto é, bastantes para reparar as forças do operario. E a "Quadragesimo anno" sublinha, nesta exigencia, que o salario deve ser tal que permita ao operario constituir um peculio. Será então o salario realmente vital. Além de vital, deverá o salario, por ser individual, ser outrosim

familiar, isto é, bastante a cobrir as despesas de um lar modesto.

Releva frizar que esta exigencia da justiça porque o salario seja realmente vital e familiar, si attendida, realiza a condição em virtude da qual obter-se-á a desproletarisação das massas, porquanto a situação de proletarios consiste precisamente na dependencia omnimoda do ganho quotidiano.

Si o salario attender a essas exigencias que profluem do seu character individual, isto é, si for de facto vital e familiar, é intuitivo que, por isto mesmo, de muito concorrerá ao bem-estar social, de vez que a existencia mais normal dos individuos e das familias encontra repercussão profunda na boa ordem de toda a sociedade. Vemos, pois, no salario realmente vital e familiar uma retribuição que attende á dupla natureza individual e social do trabalho, ou, por outra, que tem em conta as justas exigencias do bem-estar individual e social.

Accentuemos, nesta altura, duas coisas quanto ao salario realmente vital e familiar:

- 1) que está longe de ser uma realidade generalizada,
- 2) que no actual estado economico de facto não é sempre attingivel. E de ambas estas observações concluímos que a justiça social no caso impõe uma aspiração, não apenas platónica, e sim efficiente por um estado social melhor, isto é, de facto mais justo, onde o salario realmente vital e familiar seja geralmente possivel, seja uma realidade generalizada.

Nesta aspiração por um estado social de facto mais justo, importa, como aliás, sempre, que não seja relegada ao esquecimento a visão integral das coisas. Com effeito, o bem commum exige que, no caminho rumo ao salario vital e familiar, se tomem em devida consideração o estado do assalariante, a solidariedade que deve existir entre as diversas profissões, o interesse geral. Caso contrario a emenda sairia peor do que o soneto.

Ademais, urge em absoluto que esta aspiração efficiente por um estado social melhor, seja focalizada para dois pontos, a saber: a reforma das instituições e a emenda dos costumes. Os esforços individuaes e, por conseguinte parciaes, por melhores que sejam, serão sempre deficientes e precarios. Dahi a necessidade de reforma nas instituições. No emtanto, pouco alcançam as boas leis, si

ellas não encontram um ponto de apoio nos bons costumes.

Ainda no capitulo segundo, como acima observámos, a encyclica apresenta as linhas mestras das instituições desejaveis, reservando para o terceiro o dispositivo moral.

Quaes sejam essas instituições desejaveis, é empreza assaz facil reconhecel-o. Com effeito, o meio racional por que se ponha cobro á contenda, é o entendimento amigavel entre os contendores com o fito de attender aos reclamos da justiça e, por isto mesmo, restabelecer a paz desejada. Aconselha, pois, a razão que o meio natural por que se logre por termo á contenda real ou latente, que evidentemente existe, entre a grande massa proletaria e o pequeno numero de capitalistas, não é outro senão o mutuo entendimento entre ambas as classes, afim de attender aos reclamos da justiça e assim remover as causas do dissidio. Por tal forma, á desunião social, espada de Damocles que ameaça a sociedade contemporanea, succederia uma harmoniosa collaboração das classes, garantia segura da paz social.

O mutuo entendimento que acabamos de louvar, supõe evidentemente as classes já associadas separadamente no justo objectivo de defender os direitos de seus membros em harmonia com o bem geral de toda a classe. E, na prosecução deste seu objectivo plenamente justificado, si ambas as classes mantiverem uma visão integral das coisas, comprehenderão outrosim que o proprio interesse das mesmas exige que se ponha cobro ao dissidio e que se restabeleça a unidade social, mercê de um mutuo entendimento baseado na justiça social, e para usarmos de maior precisão, baseado na justiça e caridade christãs.

Já de ha muito que o sopro gelido e possante do individualismo a pouco e pouco lançou por terra instituições de tanto alcance, aqui saudosamente lembradas, relegando á posterioridade, qual herança malfadada, cidadãos isolados em face de um Estado com poderes abusivos e funcções demasiadas. As consequencias desta quebra de ordem hierarchica na estructura social não se fizeram esperar. De duas classes desunidas e eivadas de individualismo, uma, como era de prever, tentou, e a pouco e pouco conseguiu, algemar a sua companheira. E esta, ferida em seus direitos mais lidimos, não é para admirar que tentasse, e ainda agora tente, sacudir o pezado jugo, quicá fascinada ás vezes pela lembrança da mesquinha

lei do talião, como si o desastre social, effeito da luta de classes, pudesse ser resarcido por meio de uma outra luta de classes, quando, ao envez, só poderia assumir proporções ainda maiores.

E, pois, inadiavel que “cesse tudo o que a antiga musa” dos liberaloides “canta” com requintes de egoismo, e que “outro valor mais alto se alevante”. E’ de urgencia premente que o reapparecimento das associações de classe, que ora se esboça e já começa a effectivar-se, a mais e mais se generalize e logre emfim restabelecer o equilibrio na estrutura social pelo descongestionamento das funcções que o Estado se arroga em demasia. Organizando-se em syndicatos separados, de um lado os patrões e de outro os operarios, salvaguardam-se mais facilmente os interesses respectivos em harmonia com o bem geral da classe. Reunindo-se, ao empós, os representantes de ambos syndicatos num organismo superior, operar-se-ia o mutuo entendimento entre elles com grande proveito do bem-estar social. Si essas associações solidarias entre si e com as demais profissões por equal maneira organizadas, estiverem, todas ellas plenamente imbuidas da sublime lei da justiça e caridade christãs, bem logo ver-se-iam coroados de feliz exito os melhores esforços envidados em tão nobre e necessaria empreza, isto é, bem lobo ver-se-iam attendidos os reclamos da justiça, consultadas as exigencias do bem commum, resguardados os interesses dos patrões, dos operarios e das demais profissões, e até o proprio Estado, pela subsequente suppressão de encargos opprimentes e da intervenção intempestiva, tornar-se-ia mais apto a exercer a sua fnuccção eminente de arbitro imparcial, de poder suppletivo, de coordenador e impulsador do bem commum.

Bem sabemos que ideal tão alevantado não é facilmente attingivel em toda a sua integral plenitude. Mas o estado social actual tão deformado se apresenta, tão longe do que devia ser, que ninguem, possuido de algum sentimento de justiça e caridade christãs ousaria aifirmar que se não deva pôr termo a tão monstruoso paradoxo, e, por modo consentaneo, aspirar efficientemente por uma approximação, cada vez maior, ás vizinhanças do ideal ácima.

Mas, notemos bem, a efficiencia de tal aspiração seria de todo em todo precaria, si não fôr acompanhada da

reforma dos costumes. Eis o thema precipuo do capitulo terceiro do grandioso documento que é a “Quadragesimo anno”.

Servindo-se do ensejo que lhe offerece o thema moral deste ultimo capitulo, o Santo Padre assignala, desmascarando-lhes a razão profunda, duas tendencias principaes, que ora dividem o mundo economico, a saber, o capitalismo e o socialismo.

Já Leão XIII estigmatizava a ambição de uma concurrencia desenfreada, a voracidade da usura, a affluencia das riquezas ás mãos de um pequeno numero.

Hoje em dia, após 40 annos, devemos attentar sobremaneira na concentração que submete ao talanto de alguns potentados, senhores do credito, o mundo da produção. O poder financeiro dessas oligarchias visa dominar o mercado de um paiz, em seguida a autoridade civil e por ultimo as relações entre os paizes. Dahi resulta, alem do mais, a incerteza do commercio com gravissimos inconvenientes para os productores serios. Como ninguem ignora, a trama dos assim chamados, altos negocios, onde campeiam soberanas a injustiça e a inverdade, não é apenas o triste apanagio de alguns raros magnatas. A olhos vistos, toda a atmospheria social se apresenta saturada de materialismo. Dir-se-ia que o “metal luzente e loiro”, de que falla Camões, é para muitos a unica finalidade, sendo, por isso mesmo, plenamente justificadora de todos os meios applicados em alcançalo.

Si a raiz ultima dos desmandos do capitalismo se afunda no lodaçal do materialismo, não é alhures que assenta suas bases decantada doutrina dos socialistas. E’ mais ou menos do conhecimento geral a evolução da doutrina socialista nos ultimos quarenta annos. De um lado vemos o communismo. De outro, um socialismo mitigado.

O communismo que se precipitou em guerra aberta contra Christo e sua Egreja e contra tudo aquillo que diz religião, é para todos um aviso tremendo. Pio XI deplora, neste particular, a inercia complacente daquelles que, por isto mesmo, favorecem a propaganda das idéas communistas. No emtanto, com grande acerto observa o Pontifice que optimo methodo de combate contra invasão de tal jaez é supprimir os abusos que fornecem material ás apostraphes dos propagandistas e preparam caminho ás revoltas.

Ao lado do furor communista, ha o socialismo que dizemos mitigado, de matizes os mais variegados. A luta entre as classes parece ahi substituida pelo debate sobre as condições de uma justiça melhor. A arma da violencia dir-se-ia ensarilhada. A propriedade particular conservaria um lugar apreciavel, embora reduzido, na cidade dos seus sonhos. Entretanto, a par de tudo isto, o socialismo, por mais mitigado que pareça, desconhece ou nega o destino ultimo do homem; sob pretexto de melhor assegurar a prosperidade collectiva, inteiramente material, sacrifica os bens de ordem melhor e até as liberdades legitimas; proclama a completa autonomia da razão; nega a origem divina da autoridade civil. Por ahi se vê que ninguem pode ser catholico sincero e socialista authenticico.

Em face de ambas estas tendencias do mundo moderno eivado de materialismo, a encyclica insiste, com todas as veras, sobre a necessidade absoluta dos fundamentos moraes, afim de que se possa manter o edificio de uma sociedade melhor, cujo plano, aliás, soube traçar com mão de mestre. E com totalidade de razões. Com effeito, uma reforma social, acertada e estavel, não se pode processar só por fora, sem o apoio das convicções egualmente acertadas e das vontades, por isto mesmo, bem nor-teadas.

Enganam-se, pois, redondamente os que depositam toda e integral confiança só e exclusivamente nas dictaduras civis ou militares, deste ou daquelle jaez ou em outra qualquer forma de governo, ainda mesmo que fosse com o fito de effectivar, com melhor exito, as instituições apontadas na encyclica. Tudo seria debalde sem o apoio nos bons costumes.

A ordem economica só poderá ser restabelecida em base estavel, si reintegrada no conjunto providencial, do qual Deus é o fim e tudo o mais não passa de meio. As riquezas não é um mal, nem causa de males, si submettidas ás disciplinas da justiça e da caridade. E' um bem. As conquistas da justiça, porém, serão sempre precarias, si esta virtude não estiver de posse das almas, e si não fôr reforçada pela caridade.

Bem sabemos que não poucos beneficiarios da desordem social mal contem um sorriso de egoismo e scepticismo, quando lhes chega aos ouvidos a voz amiga que reclama justiça, caridade e reforma dos costumes. Mas si

pensassem que seus filhos queridos poderiam, um dia, chorar lagrimas amargas pelos desafios constantes com que elles, os paes, provocam a justiça de Deus, quiçá, dariam melhor ouvido á voz inteira da consciencia, que reclama justiça e aconselha caridade. Si, porém, forem tão desalmados que não cedam a tal imperativo, e nem ao pensamento de que lhes possa, um dia, virar a roda moveiça da fortuna, outra coisa não nos resta senão repetir com o Poeta divino: “Non ragioniar di lei ma guarda e passa”:



O Problema do Trabalho Feminino

EUGENIA DA GAMA CERQUEIRA

Coube ao C. E. A. S. relatar o problema do trabalho feminino. E' inutil encarecer a importancia desse problema e o interesse profundo que o seu estudo representa em face da A. C. Se o ideal da A. C. tem como base um trabalho de reforma interior como o qualificou o S. Padre, haverá necessariamente nesse trabalho um fundo educacional. Ora, não se pode pensar em educar e reformar, sem pensar nas crianças e nas mulheres, nas mães.

As Encyclicas Rerum Novarum, Casti Connubii e Quadragesimo Anno definem claramente a missão social da mulher, o seu papel primordial de educadora, e dos seus textos concluimos que do cumprimento dessa missão, depende todo o progresso do ideal christão na familia. Essa verificação traz como consequencia a enunciação do problema geral feminino: as condições de vida da mulher na sociedade moderna, favorecem o cumprimento de sua missão natural e providencial?

O problema é vastissimo e ramifica-se em numerosas questões particulares, das quaes coube ao C. E. A. S. focalizar uma das mais interessantes: o problema da mulher que trabalha, o qual pode ser assim formulado: O trabalho remunerado da mulher é prejudicial ou não ao cumprimento de sua missão social? Quaes as causas que obrigam a mulher a exercel-o? Como se apresenta o problema no nosso meio? Quaes os remedios para solucionar-o?

O trabalho remunerado é prejudicial á mulher porque a afasta do lar, do seu ambiente proprio, onde sua presença é essencial e indispensavel. A mulher em geral exerce o trabalho remunerado fóra de sua casa, do ambiente para que foi creada, que a Providencia lhe desti.

nou. A mulher da classe media procura trabalho nos escriptorios, no commercio, nas escolas, no funcionalismo, algumas vezes nas carreiras liberaes; a da classe popular trabalha na industria, na agricultura, ou emprega-se para serviços domesticos.

A mulher fóra do lar estará dentro da ordem social, como a comprehende o espirito christão?

Não, e por isso o trabalho remunerado é prejudicial ao cumprimento de sua missão. Se encararmos a influencia desse afastamento do lar sob os pontos de vista, social, moral, economico, intellectual e hygienico, veremos que são funestas as consequencias do trabalho remunerado fóra de casa sobre a mulher e de sua repercussão, atravez desta, sobre a familia.

Essas influencias, evidentemente, actuam de modo diverso, com maior ou menor intensidade, conforme as condições particulares em que se exerce o trabalho, o meio ambiente e os individuos. Entretanto, muitas das observações que vamos expôr e das considerações que vamos fazer, applicam-se á generalidade das trabalhadoras. Outras a casos particulares, tendo merecido nossa maior atenção o trabalho industrial e, nelle, a situação das mulheres que trabalham fóra do lar, principalmente as mães de familia.

Feita esta observação passaremos ao rapido exame das consequencias do trabalho feminino remunerado sob os pontos de vista seguintes: do ponto de vista social; o problema assume aspectos menos graves em relação ás mulheres solteiras do que em relação ás mulheres casadas e ás mães.

Mas o habito de ganhar sua vida creia naquellas um espirito de independencia, muitas vezes exagerado, o senso individualista, o egoismo; emfim, certas qualidades mentaes, que não constituem boa formação para a vida familiar e para enfrentar no futuro os deveres de mãe de familia.

Do ponto de vista moral; a promiscuidade e falta de moralidade de certos ambientes, constitue um perigo constante para as mulheres que trabalham, principalmente nas fabricas, pela convivencia diaria das operarias com individuos de outro sexo e com companheiras de costumes e moralidade duvidosos. Ainda agora as operarias de um de nossos centros nos falavam de certa fabrica onde os assumptos de conversação, a linguagem e as ma-

neiras das operarias, em sua maioria casadas, eram de tal modo inconvenientes, que ellas appellidaram a fabrica de — cabaret de dia. —

Sob o ponto de vista economico: um illustre professor desta Capital qualificou o trabalho feminino sob esse aspecto como: economia ás avessas. O salario da mulher é geralmente mais barato porque ella se contenta com menor retribuição de seu trabalho. Além disso ha certos trabalhos na industria e no commercio, que as mulheres desempenham melhor que os homens.

O primeiro destes factos já é por si sufficiente para determinar a preferencia dos patrões pelo operariado feminino, trazendo como consequencia não só a depreciação do salario do homem, vencido nessa concurrencia, como o augmento do numero dos desoccupados.

Esses os dois principaes aspectos do problema sob o ponto de vista economico. Uma outra observação interessante, feita diversas vezes pelas chefes dos nossos Centros é de que a mulher que trabalha fóra de casa perde o senso da economia em geral e particularmente da economia domestica. Nas aulas de tricot, por exemplo, grande parte das operarias não considerava nunca o lado da economia na compra das lãs.

Do ponto de vista intellectual; E' incontestavel que o trabalho fóra do lar, exerce uma certa influencia sobre a intelligencia da mulher, augmentando-lhe a vivacidade do espirito; por outro lado, porém, rouba-lhe grande parte do tempo de que poderia dispor para se instruir. Nessas condições resta saber se aquelle proveito do espirito, constitue uma vantagem para a mulher trabalhadora sem uma cultura adequada, sobretudo moral.

Sob o ponto de vista da hygiene; o trabalho da mulher fóra do lar e especialmente nas fabricas, geralmente não é saudavel nem adequado á natureza e á resistencia physica femininas.

Esta conclusão aliás é a mesma a que se chegou em outros paizes, principalmente na Europa. A Allemanha em communicação feita ao congresso das U. T. L. F. C. em 1932, affirmava: "a influencia do trabalho assalariado das mulheres sobre a maternidade se manifesta nas consequencias nefastas do trabalho das mães sobre a saude das crianças". Um medico francez, o Dr. Lemiére, a quem foi confiado um inquerito por uma sociedade industrial, constatou em 1922, que a proporção da mortalidade

infantil de menos de 1 anno, segundo a profissão exercida pela mãe, era a seguinte: sobre 100 crianças morriam 23 no primeiro anno, quando a mãe trabalhava na usina, 16 quando trabalhava em atelier, e 9 sómente quando trabalhava em casa. Constatações desse genero, motivaram a affirmação de um escriptor de que o trabalho das mulheres na usina é um perigo para a raça, "Com effeito", commenta Maurice Eblé, "ha ahi uma sanção da natureza contra uma organização anti-natural". Inqueritos e estatisticas provaram tão indiscutivelmente a má influencia do trabalho assalariado sobre a saude feminina, que provocaram em todos os paizes, o movimento de opinião do qual resultou a moderna legislação protectora da saude da mulher que trabalha. Se o trabalho industrial das mulheres as expõe a todos os inconvenientes sob o ponto de vista hygienico e repercute de modo sensivelmente prejudicial sobre seu organismo, as mulheres que trabalham no commercio e em outros misteres não estão livres desses inconvenientes, embora mais attenuados, soffrendo geralmente as consequencias de sua alimentação irregular e insufficiente, da falta de repouso compensador, de ambientes se não insalubres pelo menos em más condições de arejamento, etc.

Acabamos de considerar sob diversos pontos de vista a influencia que o trabalho fóra le casa exerce sobre a mulher; é tempo de examinar a repercussão desse trabalho sobre seu lar. A mulher que trabalha fóra exerce no lar uma função negativa: privação para os filhos da frequencia escolar, dependente da fiscalização materna e dos cuidados com o vestuario imprescindivel, vadiação dos menores entregues aos brinquedos de rua e á convivencia de companheiros muitas vezes perversos; dahi a observação de que a maioria das crianças que apparecem nos juizos especiaes de menores é de filhos sem paes ou cujos paes os deixam ao abandono para cuidar do trabalho. A tudo isto accrescentemos a impossibilidade, para as mães que trabalham e que pouco permanecem em casa, de cuidar da alimentação regular da familia e especialmente dos filhos menores, e de proporcionar a estes os cuidados de hygiene e asseio tão necessarios ao normal desenvolvimento da criança.

Afastada do lar o dia todo e a elle regressando cansada e enervada, a mulher se desinteressa naturalmente dos cuidados domesticos que poderiam tornar agradável

a casa familiar, pelo arranjo e o conforto que mesmo na modestia de recursos não são impossíveis.

Sua tolerancia para com o marido e os filhos desaparece substituida pela impaciencia da creatura exgottada que aneia antes de tudo pelo repouso; o ruido e os brinquedos dos filhos a enervam e provocam reacções que repercutem deploravelmente sobre a formação do character e sobre o temperamento das crianças.

Um outro inconveniente e de natureza bastante seria é a suppressão do descanso dominical; pois que ao invéz de consagrar o domingo ás praticas religiosas, de que participariam os filhos creando nelles desde a infancia o sentimento religioso, as mães têm de empregar todo esse dia nos serviços domesticos que o trabalho da semana a impediu de attender; é o unico dia de que dispõe para lavar, concertar e remendar as roupas da familia, proceder ao asseio da casa e outras tarefas caseirs.

Estamos pois em face de um problema que, pela sua gravidade pede solução. Como fazer voltar ao lar a mulher que trabalha, fóra d'elle, collocando-a onde ella, como acabamos de ver, é insubstituivel no desempenho de seus complexos deveres familiares, e onde somente ella póde cultivar os sentimentos que são a base da familia? Como todos os problemas sociaes este não póde ter uma solução nem simplista e radical, nem uniforme. E' preciso indagar em cada região e em cada grupo social e determinar as causas que arrastam a mulher ao trabalho fóra do lar. Em nosso meio, essas causas não são tão complexas, como nos meios super-povoados de outros paizes.

As observações do C. E. A. S; nos tem revelado que, entre nós o que na generalidade dos casos, atrae a mulher ao trabalho remunerado é a necessidade de compensar a insufficiencia dos salarios e ordenados masculinos, em face do custo elevado da vida. A solução que á primeira vista se offerece é a de promover a melhor remuneração dos homens. Mas a isso se oppõem obstaculos de todos conhecidos: primeiro a crise generalisada pelo mundo que reduz os lucros liquidos do commercio e das industrias e inutiliza o esforço e boa vontade dos patrões que comprehendem a solidariedade de interesses, no sentido de augmentar a remuneração de seus empregados; depois a falta de preparo technico da maioria dos operarios.

E' essa uma situação que actuamente podemos considerar como geral.

Esta solução temos de adial-a para melhores tempos, continuando a propaganda para a melhoria dos salarios, em todos os casos particulares em que ella for possível, á espera do restabelecimento da prosperidade. Essa propaganda precisa ser continuada; porque o afastamento da mulher do trabalho assalariado não pôde ser feito por meio de leis ou de medidas radicaes que, constituindo uma violação da liberdade individual, viriam na maioria dos casos, peiorar as condições de vida das familias trabalhadoras, sujeitando-as a privações e até á miseria

E', pois, um engano suppor, segundo pensam muitas pessoas bem intencionadas, que o remedio seria a supressão das medidas de protecção ao trabalho feminino, limitando-as ao trabalho masculino. Aquellas medidas precisam ser mantidas, completadas, e executadas efficientemente, sob fiscalisação conveniente, até que as condições do meio social permittam supprir, por outras formas, os recursos que o trabalho da mulher proporciona ás familias proletarias.

Uma dessas providencias seria a substituição progressiva do trabalho nas fabricas pelo trabalho a domicilio. Este é hoje mais realisavel, graças aos progressos da mecanica, ás applicações da electricidade, que tornam possível a criação das pequenas officinas domesticas; mas só parece praticavel em restrictas especialidades; e entre nós ainda não nos consta tenha sido experimentado, nem parece viavel com a actual organisação de industrias.

Entre nós o contrario é que está acontecendo: o grande numero de fabricas de fiacção e tecelagem está attrahindo para ellas numero cada vez maior de operarias, cuja trabalho é preferido pelos patrões, pelas razões já expostas.

Ha, é verdade, o trabalho que, em limitado campo industrial, é feito no domicilio pelas mulheres: o de costura, lavanderia e engommaderia para as fabricas, a preparação e acabamento de certas qualidades de calçados e outros. Mas esse trabalho é mal remunerado, não compensa o tempo e esforço dispendidos; não fornece na proporção desejavel, o reforço que a mulher nelle vai buscar para a manutenção da familia.

Do mesmo modo mal remunerado é o trabalho das mulheres da classe media, que, não podendo se collocar nas fa-

bricas e escriptorios, labutam em casa para produzir artigos vendaveis.

Temos nos referido mais demoradamente ao trabalho industrial, porque as operarias desse ramo formam a grande maioria das mulheres que trabalham. Além disso, porque, segundo communicação feita pela representante do Brasil no Congresso da U. T. L. F. C., em Dezembro de 1932, em 150.000 operarias, que nessa occasião se empregavam em fabricas, 50.000 eram mães de familia.

Finalmente porque o C. de E. A. S. está mais em contacto com esse genero de trabalho, nos quatro centros operarios por elle organisados nos bairros do Belém, Braz, Ypiranga e Bom Retiro.

Não sendo possivel, como acabamos de vêr, supprimir senão muito lentamente e em futuro remoto, o trabalho das mães fóra do lar, nem substituil-o, senão muito parcialmente, pelo rabalho no domicilio, que resta a fazer em beneficio da mulher trabalhadora, afim de minorar quanto possivel, os inconvenientes de sua situação?

O C. E. A. S. pensa que para alcançar esse fim, ha actualmente dois caminhos a seguir: a propaganda propriamente dita e a assistencia.

A primeira se manifesta pela campanha contra o trabalho desnecessario ou dispensavel; combatendo a má comprehensão das mães, fazendo-lhes vêr que o lucro não indispensavel á subsistencia da familia, auferido por ellas ou pelos filhos não compensa, de modo algum, os prejuizos e perigos da dispersão da familia e do abandono do lar.

Entre nós, essa propaganda precisa intensificar-se tambem na classe media, porquanto, se em geral o trabalho industrial occupa grande porcentagem de mães de familia e de familias numerosas, o trabalho no commercio e em outros ramos é procurado de preferencia pelas mulheres solteiras, sobretudo as moças, nem sempre por necessidade, mas por um espirito de independencia auxiliado por uma incompleta educação domestica que não lhes dá a exacta comprehensão da vida no lar, nem lhes proporciona o prazer dos affazeres da casa.

Quanto á assistencia, pensamos que as iniciativas mais uteis são as instituições profissionaes que proporcionem a seus membros a protecção necessaria, sob os aspectos profissionnal, moral e educativo.

Seguindo essa orientação, o C. E. S. presta auxilio ás operarias organisando-as em centros parochiaes, que constituem o nucleo de formação da J. O. C.

Nesses centros cuida-se da formação intellectual, moral e religiosa das operarias, habituando-as a exercer accção sobre seu meio, pela propaganda dos ensinamentos que recebem; incute-se-lhes a noção exacta de seus deveres e responsabilidades sociaes, por meio de palestras e conferencias; procura-se despertar nellas os sentimentos de familia e o apreço pelos trabalhos domesticos e por tudo que concorre para tornar a casa alegre e agradável; para isso ensinam-se-lhes trabalhos femininos leves, de facil execução, que possam occupal-as, sem fadiga, nas horas vagas, concorrendo para lhes melhorar o vestuario e a ornamentação da casa; suggerem-se-lhes e auxiliam-nas na organização de divertimentos sadios e hygienicos, com que repousam do trabalho, afastando-as dos pontos de reunião inconvenientes.

Esse trabalho vem sendo bem succedido; e o numero de associados aos centros vae em augmento sempre constante.

Dissemos ha pouco que as leis de protecção ao trabalho da mulher precisam, para sua efficiencia, ser praticamente executados, sob a fiscalisação indispensavel.

Nessa convicção o C. E. A. S. pretende concorrer para tal fiscalisação, prestando apoio e concurso aos poderes publicos; e para isso enviou representações ao Snr. Ministro do Trabalho e ao Snr. Secretario da Agricultura, que as acolheram favoravelmente, o que nos autorisa a esperar possamos em breve, alargar nesse terreno, nosso campo de accção.

Nosso trabalho é compensador e anima-nos a proseguir; pois, como já foi observado, em tudo nos favorece o ambiente brasileiro, muito diverso do das velhas nações europeas, onde antigos preconceitos de classes, a superpopulação, a superprodução, a dureza da luta pela vida, cream serios obstaculos ao abnegado trabalho das associações congeneres.

Mas, pois que nossas condições são boas e favoraveis, mais empenho ainda se nos impõe para as aproveitar enquanto é tempo, fundando em solidos alicerces a obra da paz e da solidariedade christã antes que o influxo das correntes immigratorias, o adensamento da população, a

obra escusa e sempre continuada das propagandas subser-
sivas, nos tornem mais ardua a tarefa e nos redusam os
fructos da optima colheita.

E quem nos offerece, para esse trabalho, o estimulo,
o conselho, a directriz verdadeira é a Igreja; pois que
podemos encerrar estas considerações com as bellas pa-
lavras de Maurice Eblé:

“Se a ordem social repousa sobre uma noção justa
da familia, de seu papel, de seu logar na organização dos
estados, quem nos assegurará a rectidão da doutrina, fó-
ra da qual se vae dos falsos principios ás falsas manobras,
senão a Igreja?... ”

E’ a moral christã que dá a melhor licção de econo-
mia politica e social”.

* * *

Tendo apresentado o relatorio do C. E. A. S. sobre o
trabalho feminino, cumpre-me dizer que o Centro não tem
cogitado apenas do trabalho industrial, em que me deti-
ve mais interessadamente, e dos outros generos de tra-
balho a que me referi. O problema do trabalho agricola
da mulher é, egualmente, objecto de estudos no Centro,
que não podia desconhecer sua importancia, sobretudo
em nosso paiz, onde assume grande relevo não só pela
extensão de nossas industrias agricolas em geral, como
tambem pela massa das trabalhadoras estrangeiras que
se dedicam aos misteres ruraes e que, constituindo um
factor ethnico ponderavel, influirão poderosamente em
nosso meio social. Essa influencia e a necessidade de as-
similação desse elemento estrangeiro concorrem para au-
gmentar a importancia do problema do trabalho agricola
da mulher, quer sob o ponto de vista da saude physica
quer sob o ponto de vista da formação moral e espirital,
além dos outros aspectos focalizados em nosso relatorio
e attinentes ás outras especies de trabalho. Por outro
lado, as condições e o meio em que se exerce o trabalho
rural dão a esse problema characteristics proprias e aspe-
ctos bem diversos. Parece, entretanto, que, nesse proble-
ma, a questão do trabalho fóra do lar tem a mesma impor-
tancia que no trabalho das cidades e que a melhor orienta-
ção a seguir é provocar a permanencia da mulher em sua
casa, entregue aos affazeres domesticos, aos deveres de fa-
milia e a misteres lucrativos com que possam concorrer,

na medida do necessario, para a subsistencia da familia. Que isso é possivel, demonstra-o o interessante estudo communicado ao Centro pelo Sr. José de Paiva Castro, Redactor chefe da Secção de Divulgação da Directoria de Publicidade Agricola e publicado pela imprensa, no qual se encontra resumido um programma de propaganda orientado no sentido de instruir a trabalhadora agricola nos cuidados e arranjos do lar e dos filhos, dando-lhes tambem noções de hygiene e indicando-lhe os misteres lucrativos a que pôde entregar-se sem abandono de sua missão social e, podemos accrescentar, de sua missão christã.

Assim sendo, o trabalho agricola feminino merece um estudo mais profundo e seria sufficiente para constituir objecto de uma these especial. Interessando-se por esse problema, o C. E. A. S. tem actualmente na Europa uma de suas associadas, que se incumbiu dos estudos necessarios, pretendendo o Centro estender sua acção ao campo, dentro da mesma orientação doutrinaria que a norteia em todas as suas actividades.



habitual da divindade. Assim é em Cristo, assim é na Igreja. Existe o eterno contraste da humanidade com a divindade. E quando apressadamente se julga que a humanidade da Igreja está comprometendo a sua divindade, aí mesmo é que esta cintila mais forte no contraste arrebatador com aquela.

Vivesse em nossos dias o “justo e velho Simeão” e êle, ainda no mesmo silêncio recolhido do templo, contemplando a onda de ódio que invade o mundo moderno, vendo os combates intensos contra a Igreja de Cristo, vendo a A. C. que a Igreja quer, que a Igreja organiza, como alvo de tantas contradições externas e mesmo interiores, e vendo de outro lado, o incontestável despertar de energias novas na Igreja de Cristo, haveria de reconhecer no mistério da A. C. o mistério de Cristo, haveria de anunciar o mesmo paradoxo da A. C. como o paradoxo do catolicismo, como o paradoxo de Cristo: “Signum, cui contradicetur”. Sinal de contradição!

*
* *

Bendito o Senhor, que faz surgir das ruínas da destruição as realidades mais belas da construção e que transforma as lutas em messes de vitórias!

II.

UBERABA — 1946

Já não é mais uma expectativa, porque é uma realidade. Já não é mais uma semente, porque é uma árvore, com as suas flôres e frutos.

A diocese de Uberaba viveu, neste ano todo, a esperança deste Congresso de A. C. Para êle procurou preparar-se. Orou, sacrificou-se, imolou-se e também estudou e trabalhou. Viu que N. Senhor incrementou o trabalho e aqui se encontra, agora, na colheita desejada.

A diocese de Uberaba tem os olhos voltados para a finalidade deste Congresso. Procurou viver esta finalidade. E nesta visão e nesta vida, é que ela fundamenta, hoje, a sua alegria.

*

* * *

Participação dos leigos no apostolado hierárquico da Igreja, a A. C. devia mesmo começar pelo Seminário, onde se formam os apóstolos hierárquicos do futuro. E conjuntamente devia impregnar, devia saturar, devia fermentar a diocese inteirinha da idéia

magnífica da forma específica do moderno apostolado da A. C., tão antiga, na sua veneranda substância, quanto a Igreja de Cristo, mas tão moderna e adaptada aos tempos atuais, quanto o fruto que acaba de brotar. Pio XI fez a magnífica educação da potência para o ato, daquilo que gloriosamente se escondia na virtualidade, na potencialidade fecundíssima da Santa Igreja. Este, o aspecto anigo e o novo da A. C. O ato total é do século vinte, mas o potencial data da própria encarnação do Verbo. Por isto é que se pode falar do anigo e do moderno, do velho e do novo na A. C., rebento da Igreja, que por sua vez é o rebento de Cristo Jesus. Eterno, porque verdadeiro Deus, medido pela contingência de tempo, porque também verdadeiro homem, o Verbo Incarnado tem nisto o seu paradoxo, a sua aparente contradição que o santo e velho Simeão tão lapidarmente captou e enunciou: "Signum cui contradicetur". Assim também, na Igreja. Assim, também e conseqüentemente, na A. C. Esta deveria mesmo ter na sua antiguidade e na sua modernidade, na sua novidade, o seu contraste, o seu paradoxo, o seu "Signum cui contradicetur". É possível falar deste seu mistério de antiguidade e novidade, como é possível falar do mistério de eternidade e temporariedade no Verbo Incarnado. E ape-

sar de tudo, o paradoxo, tanto o eterno, quanto o temporário, ambos entram na estruturação essencial do Verbo Incarnado. Não constituem apenas um aspecto externo, acidental, uma espécie de configuração exterior. Também, na ordem natural, ninguém dirá que o fruto que nasceu na ponta do galho apenas possui de novo o seu formato externo, a sua configuração exterior. A sua novidade é essencial, embora se possa dizer que, na sua essência, o fruto é tão antigo, quanto a semente de que brotou a árvore, onde êle se encontra. É que a passagem da potência para o ato é colocada pelos filósofos na ordem do movimento essencial. O fruto, que é tão antigo, germinalmente, quanto a semente de que procede, possui também uma novidade essencial. É fruto novo, essencialmente novo, sem deixar de ser também essencialmente antigo. Será contradição? É o paradoxo da potência e do ato, da mesma e única essência.

Também cada homem, mesmo do século vinte, é seminalmente tão antigo quanto o pai comum da humanidade. Também o cristão é tão antigo, neste sentido, quanto Cristo, por mais distanciado que seja do século de Cristo, o século em que êle vive. Também a A. C.: tão antiga, quanto a Igreja, apesar da sua novidade, que não é apenas exterior,

apenas jurídica. Aliás, o direito é norma de ação e norma de ação é reflexo de norma de ser. Logo, qualquer novidade, mesmo jurídica, tem que supor uma base também ontológica, profunda e real.

Parece óbvia e simples esta inferência. Mas ninguém ignora que, apesar disto, não falta quem repita para a A. C. o que foi dito da Eucaristia: "Durus est hic sermo". E o pior seria que esta repulsa procurasse cobrir-se do colorido simpático e atraente de defensiva da A. C. Como gostaria Satanaz de encontrar divisão no reino de Cristo!

Ai, porém de quem desse o escândalo da divisão nas hostes de Cristo-Rei! Ai de quem tentasse disseminar o jóio da confusão no tragal divino! Por mais acobertado que estivesse de peles de ovelhas, não passaria, na sua realidade interna, de lobo voraz. Por mais amigo que pretendesse ser, estaria inexoravelmente classificado "inimicus homo".

As próprias pedras, ao contato do martelo do operário, gemem, gritando pela unidade, pela conservação da integridade ontológica do seu ser. E que pena se nós, os do reino humano, ou melhor os do reino divino, estivessemos menos unidos pelo espírito, do que os rochedos pela coesão da matéria, enfrentando a repulsão dispersiva!

Não é com discussões estéreis, não é com imediatismos superficiais, não é com negativismos partidários de comodismos enfeitados de magistério, que se resolve o problema da A. C. Nem é tão pouco com o temor infantil dos erros que podem envolver a genuína doutrina pontifícia da A. C., que êstes erros se afastam. Seria isto reduzi-la, na felicíssima observação de Pio XII sôbre a doutrina do Corpo Místico, a um fruto lindo, mas proibido. Devemos, sim, detestar vigorosamente o êrro, porque êle é, em realidade, detestável. Mas devemos, sobretudo, em atitude positiva, amar a verdade. E para amar a verdade, mister se faz que nos sacrifiquemos até, no seu conhecimento exato e sólido.

Nada tão exposto à mistura de erros, como a simplicidade e, simultâneamente, a profundidade do catecismo. Há mesmo uma verdadeira urdidura negra de heresias, emoldurando a própria transfiguração luminosa da doutrina da Santa Igreja, que é a própria doutrina de Cristo. Nem por isto, todavia, a Esposa Imaculada do Verbo deixou de insistir na necessidade do conhecimento, da prática e da vida da sua doutrina. Temer o êrro e evitá-lo é grande dever. Mas o temor do êrro não nos pode impedir o estudo da verdade. Antes é o próprio temor do êrro

que nos deve conduzir ao estudo da verdade, pois, do estudo brotará o conhecimento, deste brotará o amor e do amor resultará a impregnação, a unção total da verdade na vida humana.

O Congresso de A. C. colocou nos seus estatutos, como sua finalidade próxima: "Esclarecer as consciências sobre o verdadeiro sentido da A. C." Este, o escopo deste Congresso.

*
* * *

Para isto é que se preparou a diocese de Uberaba, neste ano todo. Mas a melhor preparação para uma finalidade está em viver esta finalidade. Não nos compete julgar se a diocese de Uberaba viveu, como deveria, êste escopo do I.º Congresso Diocesano de A. C. Mas não seríamos sincero, faltar-nos-ia lealdade, se neste começo do Congresso Diocesano, declarando-o oficialmente iniciado desde a vigília sagrada aos pés do Cordeiro sem mancha, não dissessemos, talvez até na deselegância de um desabafo pessoal, o que estamos pensando, diante de Nosso Senhor.

O testemunho que damos é, de certo, suspeitíssimo, mas é também muitíssimo aquecido de afeto. Ouvimos várias vezes e até mesmo temos lido que a A. C. não passa

de uma bela teoria, de uma especulação inócua, uma espécie de "contemplação católica", que nada realiza. Ouvimos e até lemos que ela não tem um mandato novo, universal e oficial. É uma associação como qualquer outra. Nem se poderia falar, a rigor, de participação. Além disto, a A. C. surge como um vendaval que tudo derruba, até a devoção à Virgem Imaculada, na sua maternal ternura.

Entretanto, o que se encontra nos documentos pontíficos, com tôda a clareza, é que a A. C. é a participação dos leigos no apostolado hierárquico. Pio XI deu esta definição, que contém tudo o que deve conter uma boa definição — o que é essencial à coisa definida — "não sem inspiração divina".

O que é certo é que S. Em. o Sr. Cardial Piazza, o mesmo que notou a preferência, não a exclusividade, de Pio XII para a palavra colaboração, também notou, no mesmo documento, que nenhuma mudança da estruturação essencial da A. C. foi feita por Pio XII. Até porque a mudança de uma definição implicaria, necessariamente, ou na afirmação de que a coisa definida mudou de essência, ou na proclamação de erro na primitiva definição. O que é certo é que o Santo Padre não pretendeu fazer da colaboração

sinônimo de participação, mesmo porque há um documento pontifício em que S. Santidade faz a distinção, definindo a A. C. *participação* e *colaboração* dos leigos no apostolado hierárquico. Participação e, não participação ou colaboração — é o que se lê na “Non abbiamo bisogno” de 29-6-31. E ninguém pode contestar que na “Mystici Corporis Christi” aparece, clara, a idéia de participação.

O que é certo é que no discurso de 30 de março de 1930, o Santo Padre definiu as limitações entre A. C. e associações. Naquele mesmo dia, o Emmo. Sr. Cardial Secretário de Estado, em carta, transmitia o conteúdo do discurso pontifício. No próprio discurso, Pio XI declarou que aquela carta foi objeto de muita reflexão e precedida de muita oração. Pois, nestes dois documentos preciosíssimos, os dois autores se mostraram tão ciosos da delimitação específica, essencial, entre a A. C. e as suas “preciosas auxiliares” que enfileiraram os advérbios mais expressivos, para fixarem com o máximo de clareza, esta diferenciação mostrando que as associações não são propriamente, formalmente, especificamente, literalmente A. C. Esta é também a exposição das maiores autoridades, que estudaram a sério a A. C. O que é certo é que mais de uma dezena de

vêzes afirmou Pio XI que a A. C. é parte integrante do ministério sacerdotal. Para isto, não é necessário que os leigos sejam sacerdotes, não se reclama sequer que entrem na clericatura. Até porque a A. C. é “res laicorum”. Assim como há distinção específica entre as associações e a A. C. e há distinção específica entre A. C. e ação hierárquica. O que é certo é que os estatutos gerais da A. C. Brasileira, pelo fato de reservarem uma parte para a Confederação das Associações, não as transformam em quadros oficiais da A. C., mas sómente as declaram “obras aderentes” (artigo 13). Até porque o art. 17 determina que os membros das associações devem ser induzidos a inscrever-se individualmente em um dos quadros fundamentais da A. C. E o art. 5 delimita bem os quadros fundamentais da A. C.

Ora, se as associações fossem quadros oficiais da A. C. seria ridículo este artigo 17 dos Estatutos da A. C. B. Seria como se alguém dissesse, por exemplo, que as moças que já são filhas de Maria devem inscrever-se individualmente na Pia União das Filhas de Maria.

O que é certo é que o Santo Padre fala de um mandato especial da A. C. O que é certo é que a A. C. em vez de derrubar,

pretende, pelo contrário, consolidar e revitalizar as nossas venerandas e beneméritas associações. O que é certo é que a A. C. quer, cada vez mais, cimentar a belíssima e filial devoção à Virgem Imaculada, vendo o mistério de Maria bem firmado, bem fundamentado no mistério de Cristo.

E o pedido que o nosso Congresso vai dirigir oficialmente ao Santo Padre é que seja proclamado o dogma da mediação universal de Maria SSma.

A A. C., fundamentada na belíssima doutrina do Corpo Místico, ao qual pertencemos pelo liame profundo do caráter sacramental e da graça do batismo, bem como da crisma, tem a sua organização fundada na própria organização da Igreja, que é o organismo místico de Cristo, o qual é a manifestação, no tempo, da "glória do Unigênito do Pai, cheio de graça e de verdade", tem a sua finalidade radicada na finalidade da Igreja.

Esta é a verdade, que foi estudada e que se procurou viver, nos vibrantes Congressos paroquiais, que prepararam este Congresso Diocesano.

Isto é o que se viveu intensamente, neste ano, no querido Triângulo Mineiro.

E como a A. C. tem a sua base na ação hierárquica, e como esta, em última análise, se fundamenta no Seminário, aí está a razão

deste grande movimento que se fêz neste ano, na diocese de Uberaba.

Talvez haja quem pense que a A. C. é por demais especulativa, é excessivamente teórica, é uma "bela contemplação católica".

Não estamos autorizado a julgar outras partes do nosso imenso e querido Brasil. Quanto ao Triângulo, estamos autorizado a dizer que bispo, sacerdotes e leigos trabalhamos, este ano, impregnados da idéia de que a A. C. é "necessária, urgente, insubstituível". Empolgadas por este ideal entregamo-nos todos à liça sagrada.

Se a A. C. é uma teoria, é uma especulação, é uma contemplação, permiti-me o desabafo concreto — bendita teoria, esta que põe a rezar pelo nosso Seminário milhares de fiéis! Bendita teoria, que mobiliza morféuticos e tuberculosos, que mendiga aos próprios hospitais orações e sacrifícios, pela sementeira de vocações sacerdotais! Bendita especulação que consegue perto de 6 dezenas de mosteiros, de carneiros, de conventos, para rezarem pelo Seminário, sem contar todos os sacerdotes e casas religiosas, colégios católicos e hospitais, da diocese! Abençoada contemplação católica que arrebatava, que empolga, no entusiasmo sagrado das grandes vibrações, até o operário humilde! Abençoada teoria que põe o canto-chão nos lábios

da infância dos grupos e até de operários de fábrica! E para os que preferissem a visão concreta do argumento monetário — talvez o único convincente para certas mentalidades — bendita “contemplanção católica inoperante” esta que em menos de oito meses, reúne, apenas em parte da diocese (pois o trabalho total não está completo) a teórica importância de um milhão e duzentos e vinte e sete mil cruzeiros. Bendita teoria, que vai erguer no próximo ano, em cimento e pedra (talvez realidades teóricas também estas), o edifício majestoso do queridíssimo Seminário S. José.

Classifiquem os que quiserem a A. C. de “contemplanção católica inoperante”, mas saibam que é no vigor desta contemplanção que a diocese de Uberaba viveu intensamente e concretamente, neste ano todo, a grande idéia de que a A. C. é o rebento formoso e espontâneo da ação hierárquica. E enquanto se impregnou desta idéia, a diocese se manifestou nestas atividades e se aprofundou nesta vida.

*

* * *

É, pois, com esta alegria espontânea, simples e viva que o Triângulo começa o seu primeiro Congresso Diocesano de A. C. É

com esta alegria exuberante que recebemos e saudamos os congressistas vindos de tôdas as partes de Minas e do Brasil.

É com esta alegria que vamos daqui a pouco ouvir a palavra do presidente da Junta Nacional de A. C. — o Dr. Alceu Amoroso Lima.

É com esta alegria, que contemplamos aqui, entre nós, os príncipes da Santa Igreja, que nos trouxeram as suas bênçãos para o Congresso e especialmente a bênção das suas presenças. Aqui se encontra S. Excia. Revma. o Sr. D. Sebastião Thomaz presente com o mérito dos seus sacrifícios e as suas preciosas orações, pelo Congresso, uma vez que a moléstia o detem no nosso hospital.

Aqui está o Exmo. e Revmo. Senhor D. Hugo Bressane, cuja palavra autorizada vamos ouvir.

Aqui se encontra S. Excia. Revma. o Sr. D. Frei Luís Santana, de cuja eloqüência Uberaba se orgulha de ser como concha, repetindo, ecoando, ainda, a sua voz que vamos ouvir na pontifical de encerramento.

Aqui está o iniciador da A. C. na bela capital de Minas, em 1935.

Aqui está o Exmo. e Revmo. Sr. D. Antônio dos Santos Cabral, de cujos lábios ouviremos a conferência do último dia. Aqui estão ilustres membros, do glorioso Episco-

pado Nacional, com os seus telegramas e cartas de bênçãos e adesões.

E com esta alegria, simples e espontânea, que a pena do pobre bispo de Uberaba não saberia doirar, não seria capaz de colorir, mas que é alegria viva, irradiante, fluente como os grandes rios, brotando das montanhas, que iniciamos êste Congresso. Meus caros amigos congressistas, meus caros filhos em Nosso Senhor, diocesanos do vasto Triângulo Mineiro, está iniciado o Primeiro Congresso Diocesano de A. C.

Não é um espinho, não é um sacrifício, mas é para todos nós um grande prêmio, uma recompensa muito rica.

A diocese de Uberaba, em todo êste ano, contemplou a finalidade deste movimento, procurou imergir-se, antecipadamente, na vida deste grande escopo. E nesta contemplação e nesta vida, aprofundou as raízes seguras da sua grande alegria, com que declara oficialmente começado o seu Primeiro Congresso Diocesano de A. C.

III.

RIO DE JANEIRO — 1946